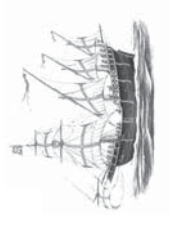
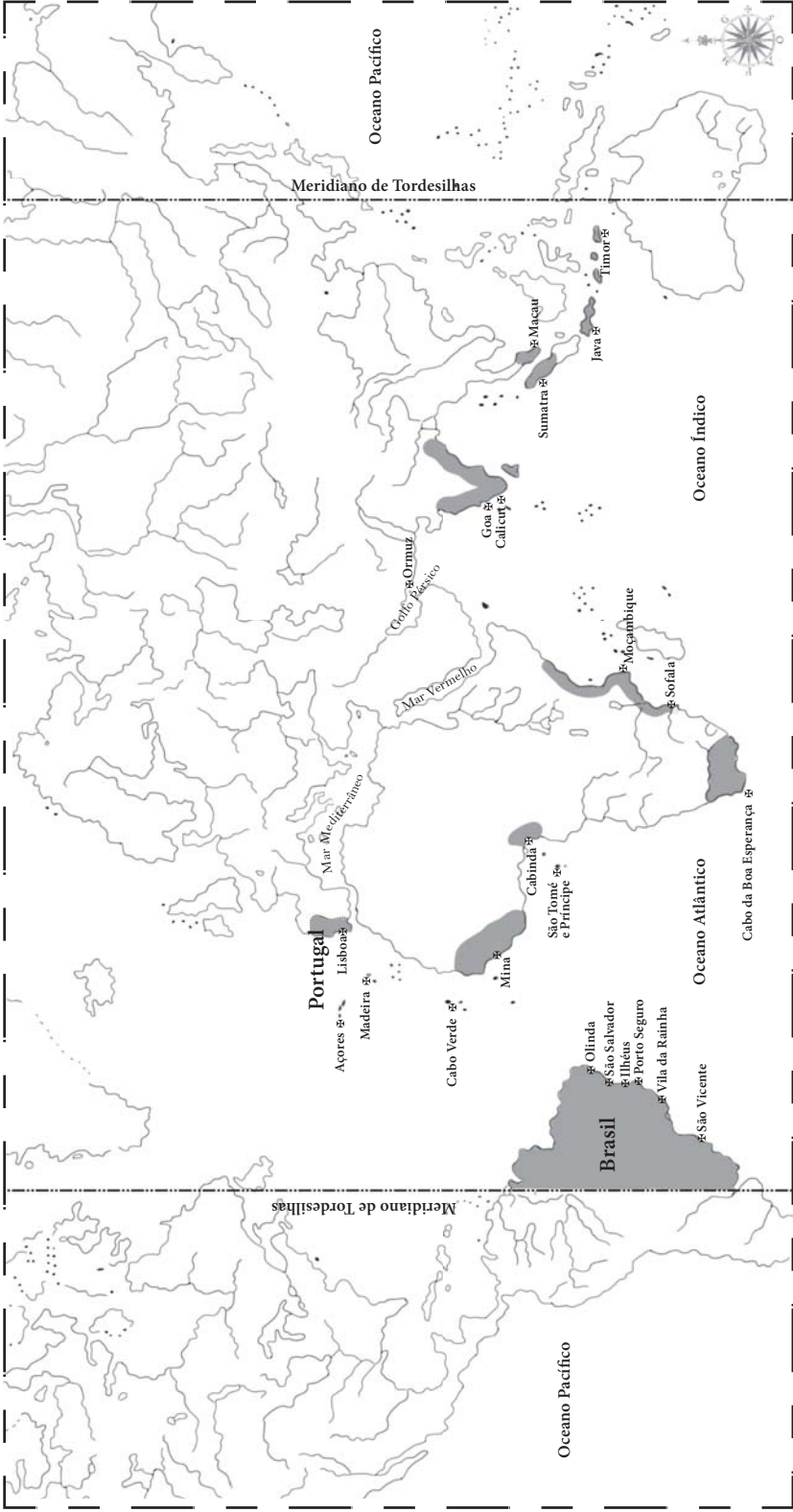


# o fundador

aydano roriz



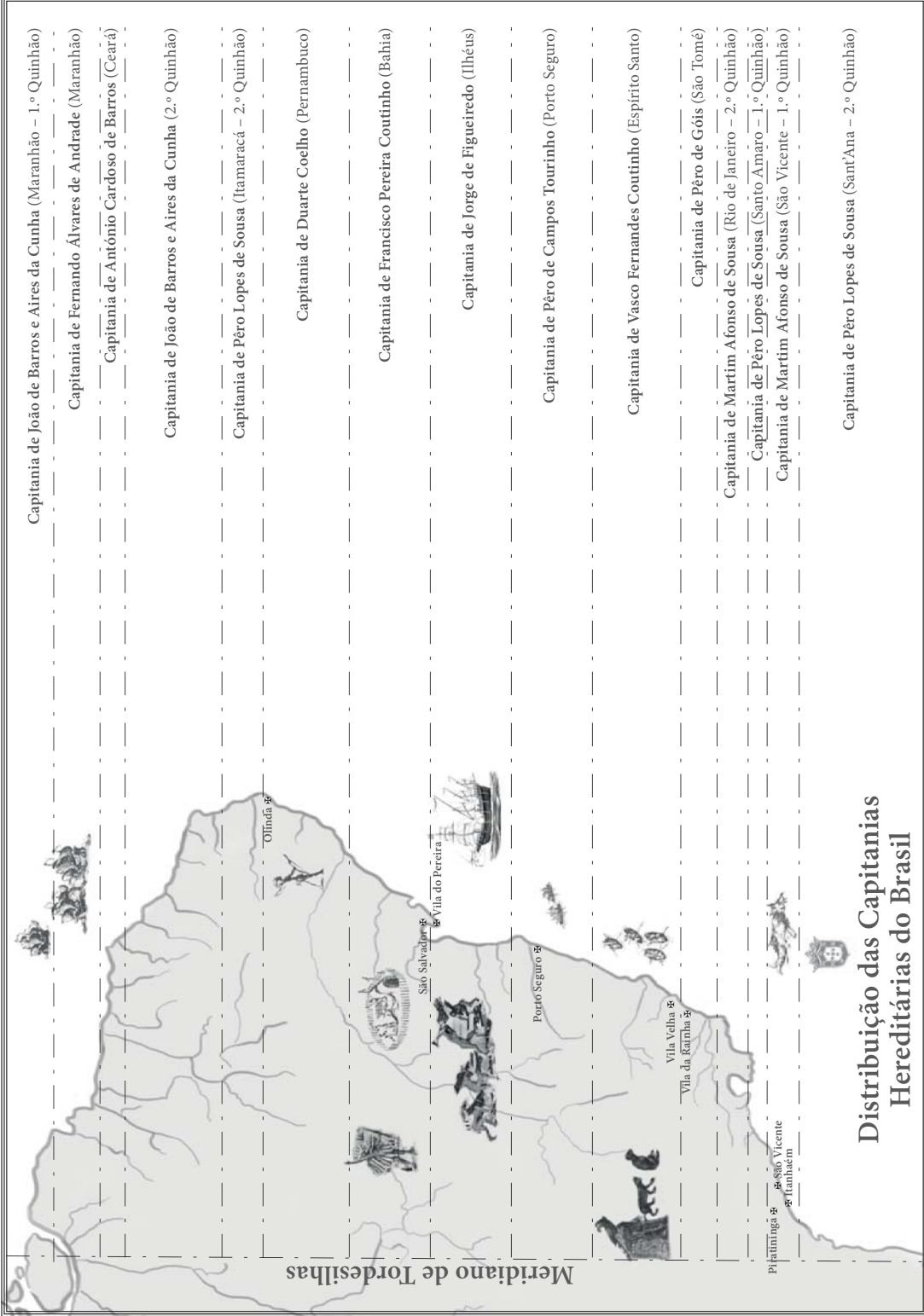
**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



■ Domínios Portugueses



# O Império Português no Século XVI



Capitania de João de Barros e Aires da Cunha (Maranhão – 1.º Quinhão)  
 Capitania de Fernando Álvares de Andrade (Maranhão)  
 Capitania de Antônio Cardoso de Barros (Ceará)

Capitania de João de Barros e Aires da Cunha (2.º Quinhão)  
 Capitania de Pêro Lopes de Sousa (Itamaracá – 2.º Quinhão)

Capitania de Duarte Coelho (Pernambuco)  
 Capitania de Francisco Pereira Coutinho (Bahia)

Capitania de Jorge de Figueiredo (Ilhéus)

Capitania de Pêro de Campos Tourinho (Porto Seguro)

Capitania de Vasco Fernandes Coutinho (Espírito Santo)  
 Capitania de Pêro de Góis (São Tomé)  
 Capitania de Martim Afonso de Sousa (Rio de Janeiro – 2.º Quinhão)  
 Capitania de Pêro Lopes de Sousa (Santo Amaro – 1.º Quinhão)  
 Capitania de Martim Afonso de Sousa (São Vicente – 1.º Quinhão)

Capitania de Pêro Lopes de Sousa (Sant'Ana – 2.º Quinhão)

## Distribuição das Capitânias Hereditárias do Brasil

## PRÓLOGO

### PARA ENTENDER A HISTÓRIA

Não estava a mostrar-se fácil, para os reis de Portugal, fazer valer a posse das terras que haviam mandado descobrir no Atlântico Sul em 1500. Com a abertura do caminho marítimo para as Índias, eram bem poucos os súbditos da Casa de Avis<sup>1</sup>, ao menos súbditos de escol, dispostos a trocarem o sonho de riqueza fácil no Oriente pelo desbravamento de longitudes selvagens.

Mas, nem por isso, a Coroa deixara de mandar para a nova província expedições esporádicas, que preparavam cartas de navegação e portulanos, nos quais desenhavam o contorno da costa e batizavam ilhas, rios, cabos, baías e outros acidentes geográficos. Mesmo assim, por quase meio século, o Brasil era tido apenas como uma possessão a mais. Uma, no vasto colar de territórios que a Coroa de Portugal conquistara em três continentes, nos mais de setenta anos de insistentes tentativas, para descobrir uma rota marítima que permitisse o acesso português ao comércio de produtos exóticos da Ásia — tais como sedas, brocados, marfins e especiarias —, de alto valor na Europa. Em todo o caso, não queriam perder as *Terras de Santa Cruz*. Até porque, embora ouro e prata não houvessem sido encontrados, concluíram que podiam levar daquela nova província valiosas

---

<sup>1</sup> Segunda dinastia a reinar em Portugal, a partir de 1385, em substituição da dinastia de Borgonha.

peles de onça-pintada, aves de plumagem colorida e muita madeira nobre. Especialmente uma que, depois de triturada, misturada com água e fermentada, resultava num corante avermelhado muito bem aceite nas tecelagens da Flandres<sup>2</sup>.

Difícil era manter em segredo a origem daqueles artigos. E da boca de um marinheiro para outro, de uma taverna a outra, de um porto a outro, a notícia foi-se espalhando. Espalhando-se e atraindo para o Brasil contrabandistas portugueses e espanhóis, navios corsários e os chamados entrelopos — mercadores aventureiros franceses que não tinham escrúpulos em afrontar o monopólio português assegurado pelo papa.

---

<sup>2</sup> Região norte da atual Bélgica, onde se fala um dialeto holandês chamado flamengo. As suas principais cidades, Bruxelas e Antuérpia, eram consideradas, à época, das mais ricas da Europa.

CAPÍTULO 1  
EMPREGO PARA OS PARENTES

**A** primavera seguia para o fim, encalorada. Entre pipios e o alegre alvoroço das gaivotas, um barco pesqueiro preparava-se para atracar no cais da Ribeira, bem aos pés do palácio. Num salão do segundo piso, com janelas abertas para a imensidão prateada do rio Tejo, o Conselho Real estava reunido. O mês era maio. O ano, 1548. Sentado à cabeceira da comprida mesa de carvalho, com a sua cara de monge e a expressão beata que lhe valera a alcunha de *o Piedoso*, o rei de Portugal afagou a volumosa barba negra e indagou com voz de confessorário:

— E quanto a ti, ó Castanheira?

António de Ataíde, o conde de Castanheira, despertou do torpor e empertigou-se. A longa explanação do conde de Vimioso sobre as festividades programadas para a temporada de verão, quando a corte se mudasse para Sintra, haviam-no entediado. Há quase trinta anos a serviço do rei, ainda não se habituara. Continuava a considerar um despropósito discutir-se futilidades num Conselho Real.

— Receio que as novidades não sejam boas — falou em tom protocolar, atraindo as atenções para si. — Recebi mensagem daquele nosso jogral, infiltrado nos palácios da *cit*é de Paris. Segundo consta, Sereníssimo, os franceses estariam a preparar uma nova investida contra o Brasil.

— Pelo sangue de Cristo! Não me digas que vão começar com isso outra vez.

— Temo que sim — affiançou, apoiando com elegância as mãos entrelaçadas sobre a mesa. — A crer-se no que diz o nosso espia, tão logo consigam sufocar a rebelião na Aquitânia, aquela causada pelo imposto do sal, devem voltar as atenções para a Vossa província de Santa Cruz.

Dom João Terceiro, o terceiro João a sentar-se no trono português, girou no dedo o rico anel de diamantes que lhe mandara de presente o rajá de Narsinga, nas Índias, pensando que Castanheira parecia mesmo o arauto das más notícias. Novidade ruim era sempre ele quem a trazia primeiro. E aquela falta de tato, aquela inapetência para fazer rodeios, aquele estilo direto, às vezes aborreciam-no. De todo modo, tinha de reconhecer: o amigo era dos poucos que nunca lhe escondiam nada. Por isso confiava nele.

— E tu acreditas nisso, ó Castanheira?

— Acredito, Sereníssimo. Na verdade, penso que, se Vossa Majestade não tomar uma atitude decisiva, vamos acabar por perder aquelas terras para o Henrique de França.

— Que se percam — retrucou o príncipe João Manuel, filho do rei, obrigado pelo pai a participar de algumas reuniões do Conselho, ainda que mal contasse onze anos. — Aquilo lá nunca nos rendeu coisa alguma.

— Não é bem assim, Alteza — argumentou o conselheiro em tom professoral, procurando mostrar-se tolerante com o jovem candidato a rei. — Com o pau-de-tinta têm-se ganho uns cem mil cruzados por ano. De Nova Lusitânia chega-nos bastante açúcar à Casa das Índias<sup>3</sup>. Algum de São Vicente, também.

— Bem pouco, se comparado com o que nos rendem as Índias — contrapôs Dom Francisco Portugal, o conde de Vimioso, camareiro-mor do pequeno príncipe, indo em socorro do herdeiro presumível do trono.

Ataide perscrutou o estado de espírito do rei e, como lhe parecesse que o monarca estivesse a apoiar os seus pontos de vista, continuou:

— O lucro com as Índias, Dom Francisco, não vai durar para sempre. Se Vossa Graça se lembra, não é de hoje que falo nas reuniões do Conselho estarem os proveitos a diminuir, desde que os mercadores e financistas judeus começaram a fugir cá do Reino.

---

<sup>3</sup> Espécie de alfândega e entreposto mercantil, sediado em Lisboa, para assegurar o monopólio real do comércio exterior. Por lá passavam todas as mercadorias provenientes de além-mar. A Casa das Índias comercializava-as a preço predeterminado, retendo trinta por cento do valor.

— Que o Henrique<sup>4</sup> não te ouça faleses isso — interpôs Dom João, em tom de blague.

O principelho emitiu a sua risada atoleimada de menino *fraquito*, tão satirizada pelos cortesãos, e até mesmo pela criadagem, nas cavalariaças e cozinhas do Paço.

— É verdade, Sereníssimo — aquiesceu Castanheira, aderindo ao gra-cejo real. — De todo modo, Vossa Majestade sabe melhor do que nin-guém: os judeus são tão necessários a um país quanto os padeiros.

Com discretos gestos de cabeça, o *Piedoso* aprovava a intervenção.

— E com a fuga dos judeus mais abastados, por receio do Santo Ofício — continuou Castanheira —, reduziu-se grandemente o comércio cá na Metrópole. Em decorrência, caíram as rendas do Tesouro. Resultado: esta-mos a dever mais de dois milhões de cruzados. Oitocentos mil, só de juros atrasados.

— Ora Castanheira! — replicou irritadiço o monarca, fincando os co-tovelos na mesa, para melhor apoiar o queixo com os punhos. — Não ca-rece que me lembres isso a cada dia. Como vedor da Fazenda, sabes muito bem que herdei um tesouro arruinado. Sabes que tivemos secas tremen-das. Que sofremos a pestilência e até um terremoto em Lisboa.

— Naturalmente, Sereníssimo — aquiesceu o conde, com um gesto entre cortês e humilde, como se pedisse desculpas. — Mas o facto é que o povo sofre. As gentes estão a morrer de fome pelo Reino inteiro.

— O que queres que eu faça, ó Castanheira? — retrucou o rei, reassu-mindo o seu ar de monge. — Cada um nasce onde ao Senhor Deus apraz. Sempre houve quem morresse de fome no mundo. Sempre haverá. É a sina do povo.

— Muita verdade, Majestade. Só não posso cá esquecer, como diz aquele velho ditado, que o homem propõe e Deus dispõe. E não me parece que o Criador se compraza em ver as gentes a morrer de fome. São filhos Dele também.

— Onde queres chegar? — atalhou o *Piedoso*, carregado de pecados inconfessáveis, sempre temente de novos castigos divinos. Em vinte e três anos de casado, já perdera seis filhos legítimos, afora o bastardo Dom Duarte, nascido antes do casamento com Dona Catarina, a quem ele fizera arcebispo de Braga aos vinte e um anos.

— Que sei eu, meu senhor! Mas penso que o Brasil poderia ser a so-

---

<sup>4</sup> Dom Henrique, irmão do rei, arcebispo de Évora e inquisidor-geral do Reino.



lução. Se colonizásseis de verdade aquela Vossa conquista, poderíeis dar um trato de terra para as gentes desamparadas pela sorte, e colher muito açúcar.

O rei esboçou um pálido sorriso cúmplice. Adorava que lhe chamassem as novas terras como *sua conquista*. Encorajado, Castanheira prosseguiu. Defendeu que, pagando vinte e cinco por cento de juros anuais e uma dívida equivalente a mais de dois anos de receitas, o défice do Tesouro era como uma bola de neve a rolar serra abaixo: só aumentava. Urgia encontrar novas fontes de receita para o Reino.

— E aqueles empréstimos compulsórios que me induziste decretar? — espicaçou o rei, com um sorriso irónico.

— Têm ajudado, Sereníssimo. Não resolvem o problema, todavia — alegou Castanheira algo constrangido, uma vez que ele próprio, como todos os nobres, havia sido dispensado de fazer os tais empréstimos. — Já o Brasil...

— Brasil... Ora o Brasil! — interrompeu o rei, um tom mais alto. — Não mandámos para lá o Martim Afonso? Não gastámos trezentos mil cruzados com a expedição dele? O que adiantou? Dinheiro jogado fora, isso sim!

— Concordo, Sereníssimo. Mas lá se vão quinze anos! Agora, o facto é que os franceses estão a mexer-se outra vez. Infelizmente, acredito: se Vossa Majestade não tomar medidas rigorosas, correis o risco de perder Santa Cruz.

E colocando-se na ponta do assento, para ficar mais próximo à mesa, o conselheiro argumentou que era preciso povoar de verdade aquela colónia. Que urgia levar para o Brasil o poder real: a justiça, os impostos e a força das armas.

— O que é preciso, se Vossa Majestade me permite a ousadia — concluiu o raciocínio Ataíde —, é ser não apenas o senhor de direito, mas também o senhor de facto daquela Vossa conquista. É a única maneira que vejo de manter os franceses longe do Brasil.

O rei cruzou as mãos por cima do ventre rechonchudo e ficou a girar os polegares, ora num sentido, ora no outro.

— Verdade seja, ó Castanheira, não és o primeiro a dizer-me isso — assentiu Dom João, melancólico. — O Diogo de Gouveia, quando era reitor na Universidade de Paris, sugeriu o mesmo. Mas o que se há de fazer! Volta e meia não estamos a dar combate aos corsários? Não já mandei umas tantas missivas e protestos para o Francisco de França, e agora para

o herdeiro dele? Não firmei tratados? Não me comprometi a pagar dez mil cruzados ao capitão-mor da armada de França, para que ele próprio combatesse os piratas da Bretanha e da Normandia? Não comprei até a carta de corso, que o rei de França deu ao Jean Angot?

O caso acontecera no mesmo ano em que Martim Afonso fora mandado para iniciar a colonização do Brasil. De modo a evitar confrontos com a França, o rei de Portugal submetera-se a pagar quatro mil ducados de ouro, para que Jean Angot, visconde de Dieppe, parasse de roubar pau-de-tinta das Terras de Santa Cruz. Mas também... Jean Angot era mesmo poderoso! Dono de mais de cem navios, o riquíssimo visconde francês ficara indignado com a morte, pelos portugueses, de homens seus no Brasil. Em represália, ameaçara bloquear o porto de Lisboa e declarar, em pessoa, guerra a Portugal.

— Não já dividi aquelas terras — continuou o rei — do mesmo modo que dividimos os Açores e a Madeira? Está bem. Concordo que as rusgas entre os capitães donatários, colonos e nativos estão cá a enfadar-me um tanto. Concordo que o contrabando me dói na bolsa. Mas Portugal precisa é de ouro, Castanheira! Ou de mercancias que possa trocar por ouro. Terra temos de sobra. Tanto no Algarve, quanto em África e nas Índias.

— Se me permitis, Sereníssimo — ajuntou o conselheiro, com inflexão de voz especialmente respeitosa. — A terra do Algarve não é boa. As Índias, como Vossa Majestade sempre diz, têm-se mostrado um sumidouro de gentes e de dinheiros. Em África, os mouros não nos dão sossego. Anos atrás o meu senhor não decidiu até abandonar as praças-fortes de Arzila e Alcácer-Ceguer, por ser muito caro mantê-las? Então... É certo que as tais capitánias hereditárias não foram bem-sucedidas no Brasil. Das quinze, apenas duas rendem alguma cousa. Mas Vossa Majestade sabe porquê? Na opinião deste Vosso humilde conselheiro, porque o Brasil não é o arquipélago dos Açores, muito menos o da Madeira. É uma terra tão grande que é quase impossível guardá-la. Tão longe que muitos dos donatários nem para lá foram, e os que foram sentiram-se desamparados.

— Perdoai-me, Vossa Graça, mas isto não me parece justo — reagiu Alcáçova Carneiro, o velho secretário-geral do Reino. — Então alguns capitães não levaram para Santa Cruz esquadras bem apetrechadas, colonos e artífices? Não, o problema não é esse, senhor conde. O problema é que aquilo lá é uma terra selvagem. Os gentios *brasis* até comeram o Francisco Coutinho!

— Todos sentimos muito a morte do teu amigo Coutinho, ó Carneiro

— rebateu Castanheira, irritado. — Já se morreu e morre-se muito em África, e nas Índias, também. Isso não invalida o facto de que não seria nada bom perder o Brasil.

— Não sei porquê?! — voltou a refutar com sarcasmo o pequeno príncipe, quase recém-saído da Sala dos Brinquedos para o Salão do Conselho.

— Por uma razão muito simples, Alteza — pontificou Castanheira, forçando-se à serenidade. — Espanha está a enriquecer com o ouro e a prata do Novo Mundo. Em torno do Brasil, já edificaram várias cidades.

— Cidades... — ironizou o jovem herdeiro. — Bem imagino!

— Cidades, sim, Dom João Manuel. Não as conheço, evidentemente, mas dizem que Assunção, Buenos Aires, Santiago e Lima crescem a olhos vistos. E tem mais! Como o Vimioso talvez não Vos tenha dito, sabeí que o senhor Vosso tio, o imperador Carlos Quinto, já criou bispados em Cuzco e Assunção, e até nomeou um arcebispo para Lima. E já que Sua Majestade Imperial não dá ponto sem nó... Não é à toa que conseguiu fazer-se senhor do Sacro Império Romano-Germânico... Isso parece sugerir que deva ter planos grandiosos para o Novo Mundo.

Os cenhos crispam-se. A despeito das terras e riquezas obtidas com a descoberta do caminho marítimo para as Índias; a despeito de o rei de Portugal e o imperador Carlos Quinto serem duplamente cunhados; a despeito dos estreitos laços de parentesco que ligavam as famílias reais de Portugal e Espanha; os portugueses continuavam numa situação bem pouco cómoda. Somavam pouco mais de um milhão de almas, a viver num território pequeno, de poucos recursos naturais, com fronteiras unicamente com o mar e com a Espanha. O mesmo problema de fronteiras que, ironicamente, se repetia no Brasil.

No Conselho, fez-se aquele silêncio constrangedor, de quando verdades irrefutáveis são ditas e perfeitamente compreendidas pela audiência. Esforçando-se para disfarçar o tom de vitória, o conde de Castanheira continuou:

— Não creio que a prata esteja só no Peru. No Brasil deve haver muita prata, também. Ouro, talvez. É só uma questão de chegarmos aos sítios certos — arriscou, dirigindo o olhar para a cabeceira da mesa. — E se nada for feito, Majestade, correis o risco de acabar por perder essas riquezas para a Espanha ou para a França. Mais dia, menos dia, Henrique de França invade e depois reivindica o Brasil para a sua Coroa. E nós não somos páreo para ele na Santa Sé. Vossa Majestade não pode esquecer que Henrique de França é casado com Catarina de Médici.

A citação sobre a Santa Sé abateu ainda mais os ânimos. Sem o aval da Igreja, nenhuma decisão importante era considerada válida nos reinos da Europa. E o papa Paulo Terceiro, que havia sido educado em Florença sob a proteção dos poderosos Médici, decerto não iria colocar-se contra estes, tão intimamente ligados ao rei de França, em caso de uma disputa diplomática com Portugal.

— O que sugeres, ó Castanheira? — quebrou o silêncio Dom João, sentindo-se cansado de ser rei. Desde que o pai, *o Venturoso*, morrera vinte e oito anos antes, praticamente só havia sobrado para ele a administração de crises, uma atrás da outra, e sempre com o Tesouro periclitando.

— O que eu sugiro? Bem... Penso que Vossa Majestade deveria nomear um governador-geral para o Brasil.

— Mas eu não já fiz isso com o Cristóvão Jacques, e o homem cometeu tantos desatinos que tive de voltar atrás!

— O desacerto, se me permitis, Sereníssimo, talvez tenha sido terdes dado a Dom Cristóvão a concessão do comércio de pau-de-tinta. Penso em alguém de feitio completamente diferente. Não em mercadores, como o Fernando de Noronha ou o Cristóvão Jacques. Penso num tenente de Vossa Majestade. Alguém laborioso, para construir uma cidade fortificada, a meio caminho entre Nova Lusitânia e São Vicente. Alguém leal e de pulso forte, que possa instaurar a ordem, fiscalizar, gerar receitas para o Tesouro.

— Quiçá, o teu primo Martim Afonso... — ironizou o príncipe herdeiro.

— Porque não? — retrucou Castanheira, sem conseguir ocultar de todo a vontade que sentia de dar uns safanões naquele fedelho insolente, que vira nascer e carregara ao colo. — É um grande soldado. Um homem que já provou, por mais de uma vez, o seu valor e a sua fidelidade à Coroa.

— Esse não — atalhou o rei, varrendo a sugestão com um gesto, num tom de voz que proibia réplica. — Martim Afonso é ambicioso demais. Não quero mais o serviço dele.

— Porque não o Duarte Coelho? — propôs o conde de Almeirim, padrinho de Manoel de Moura, o escrivão do Paço Real, concunhado do donatário de Pernambuco. — Já está por lá mesmo...

— Um excelente nome — contrapôs Castanheira, fazendo o jogo da falsa concórdia. — Não creio, todavia, que ele aceite. Na última missiva que escreveu a Sua Majestade... Então, naquela carta, Duarte Coelho fez lá as suas queixas de praxe, mas mostrou-se realizado. Disse que conseguiu

afastar os corsários, apaziguar os gentios, está a ir bem na Nova Lusitânia<sup>5</sup> dele. Entrado nos sessenta anos, receio que não tenha grande disposição para novas empreitadas.

— Quem, então? — inquiriu o rei, cofiando pensativo a bem apanhada e volumosa barba negra, que ajudava a compor a sua cara de monge. — Se é para ser governador-geral, se é para construir uma cidade, é preciso que seja um administrador competente.

— Muita verdade, Sereníssimo. Mas para bem representar Vossa Majestade, carece, igualmente, de ser um homem bom e justo — bajulou o camareiro-mor do príncipe herdeiro.

— Concordo, ó Vimioso — assentiu o monarca, coçando o ouvido. — Mas seria bom que fosse de temperamento humilde e não por demais ambicioso. De contrário, acabaria a desejar ser vice-rei. E de vice-reis... Pelos santos óleos!... Bastam-me os das Índias. A pior das heranças que o senhor meu pai me legou!

Todos sorriram, em consideração ao real bom humor.

— Bem pensado, João — emendou Dom Luís, irmão mais novo do rei, que exercia forte influência na corte, a despeito do comportamento discreto e pouco dado a intrigas. — Mas, face às... às ameaças de França, é preciso que o tal homem seja um bom comandante militar.

— Naturalmente, meu bom irmão. Difícil é encontrar cá no Reino gente assim. Algum dos senhores se candidata? Algum dos meus nobres e fiéis conselheiros gostaria de ir governar a *Terra dos Papagaios*? — E sorrindo do próprio dito espirituoso: — Digo, essa província aí... o Brasil?

Ninguém se manifestou.

— Se me permitis — recobrou a palavra António de Ataíde, com artificiosa humildade. — Conheço um bom homem, que tem o perfil que o meu senhor cá está a exigir.

— De quem estás a falar, ó Castanheira?

— Vossa Majestade também o conhece. Chamaram-nos às armas, juntos. Tomé de Sousa, Sereníssimo!

Dom João recordava qualquer coisa. Em Marrocos, uns vinte anos antes, numa batalha contra os mouros, o tal Tomé havia-se destacado por bravura. Mais tarde, em Arzila, de novo se saíra com brilhantismo. Mandado para uma difícil missão em Cochim, nas Índias, fizera um excelente servi-

---

<sup>5</sup> As venturas e desventuras de Duarte Coelho, para erigir nos trópicos a capitania hereditária de Pernambuco, foram contadas no romance histórico *Nova Lusitânia*, do mesmo autor deste livro.

ço. No regresso à Metrópole, por influência de Castanheira, havia galgado o primeiro degrau da fidalguia. Recebera da Coroa uma propriedade rural em Entre-Douro-e-Minho e, como senhor de terras, passara a fazer jus ao título honorífico de Dom. Dom Tomé de Sousa.

— Bem lembrado, ó Castanheira — elogiou o rei, dando dois tapinhas no tampo da mesa. — Se ninguém tem nada contra... Manda chamar o homem. Teu parente, pois não?

— Um primo bastardo, Sereníssimo — assentiu o invejado conselheiro, sem conseguir ocultar um sorriso vitorioso.



## CAPÍTULO 2 IMPREVISÍVEL DESTINO

**N**o aposento pequeno e austero, de paredes e piso de pedra, teto de madeira rústica, raros móveis e adornos inexistentes, o senhor das terras recebeu o criado de pé e não o convidou a sentar-se. O rapaz tirou o barrete de pano e inclinou a cabeça no cumprimento habitual. Dom Tomé de Sousa cruzou os braços atrás das costas. O arquear das sobrelhas emprestava-lhe um certo ar que bem poderia ser tomado por soberba. Não era muito alto, nem muito baixo. Contudo, gozando o *dolce far niente* do campo há uns dez anos, o ventre mostrava-se um tantinho pronunciado.

— El-rei — iniciou o fidalgo sem rodeios — houve por bem nomear-me governador-geral das Terras do Brasil.

— Nas Índias, senhor? — questionou o moço, sem conter o entusiasmo. As Índias eram o sonho dele, e de nove entre dez jovens de Portugal.

— Não. O Brasil é uma terra nova, que Dom Manuel, o pai de Dom João, mandou descobrir do outro lado do Mar Oceano. É a terra dos papagaios, e daquele pau-de-tinta que se usa para encarnar tecidos.

— O que dá aquele pó avermelhado, senhor?

— Aquele mesmo. É feito de uma árvore, também chamada pau-brasil.

— Pau-brasil... — reticenciou, mexendo a cabeça. — Penso que já entendi. É por isso que o nome das terras é Brasil?



Conquanto gozasse da fama de homem sisudo, de poucas palavras, Dom Tomé não conseguiu furtrar-se a ensaiar um sorriso. Não era à toa que a esposa, Dona Maria, e a filha Helena elogiavam tanto o tal Garcia d'Ávila. O rapaz era mesmo perspicaz.

— Creio que não. Pelo que sei, muito antes de se descobrirem essas terras novas, o pau-brasil, ou *bois rouge*, como dizem os franceses, já era conhecido nas tecelagens da Normandia. Mas isso não vem ao caso — interrompeu a dissertação, caminhando até ao aparador para se servir de uma taça de vinho. — O que importa é que eu estou de partida para o Brasil. El-rei confiou-me um serviço dele. Mandou-me construir uma fortaleza. Uma cidade fortificada.

— Uma cidade inteira, meu senhor, assim como Póvoa de Varzim?

— Mais ou menos. Uma cidade grande e bem guardada, para ser a sede do governo-geral da colónia.

— Que grande serviço! Que Nosso Senhor Deus auxilie e proteja Vosmecê.

O fidalgo tomou um gole do vinho. Depois passou uma das mãos pela barba espessa e torceu a ponta dos bigodes.

— Mas não é só a cidade. Tenho outras tarefas a cumprir. El-rei mandou-me explorar a costa, dar perseguição aos corsários... Muito serviço. Daí estar a precisar de gente trabalhadora e de honradez.

— Existe muita gente assim, senhor.

— Eu sei — assentiu, voltando a regar a garganta com o vinho do Porto, que costumava bebericar entre uma refeição e outra. — A questão é que el-rei está a mandar muita gente graúda comigo. O provedor-mor, um ouvidor, o tesoureiro da Fazenda, escrivães, meirinhos, oficiais de armas... Gente que não conheço. Preciso de alguém da minha confiança. Gente que queira servir a el-rei e a mim.

— Se o meu senhor me confiar o serviço... — apressou-se a propor Garcia, com um sorriso tímido.

— É o que eu estava cá a pensar — admitiu, coçando as brotoejas do pescoço, por baixo da barba farta. — És judeu, meu rapaz?

— Deus me livre, senhor.

— Cristão-novo?

Garcia fez cara de quem não entendeu.

— Cristão-novo, marrano, judeu convertido...

— De jeito nenhum, senhor.

— Isso é bom. Já tenho problemas de sobra. Diz-me cá. A minha filha,

a menina Dona Helena, contou-me que sabes escrever. Verdade? Sabes também fazer as contas?

— Sei um pouco, sim, senhor.

— Já tiveste essa febre aí, a tal da bexiga?

— Graças a Deus, não, senhor.

— E a bouba<sup>6</sup>?

— Não, meu senhor.

Perguntou se Garcia era casado ou se vivia amancebado. E diante da negativa:

— Uma pena. Careço povoar aquelas terras. Mas não há de ser nada. Dizem que, entre os gentios de lá, existem raparigas bem fornidas e de muito bom parecer.

O rapaz sorriu. Para sua surpresa, o fidalgo parecia daquela vez mais simpático do que sempre sugerira a sua grave figura. Naturalmente, precisava de ser tratado com a distância e a reverência devidas. Contudo, de certa maneira, dava para se sentir algo à vontade na presença dele.

— Prepara-te então. Tens indicação de alguém para cuidar dos teus afazeres cá na quinta?

— Assim de estalo, não, senhor. Mas não há de faltar.

— Encontra, então, e traz-mo — concluiu o amo, pondo-se de costas e caminhando em direção ao aparador, para se servir de mais vinho. — Deveremos estar de partida no início do ano que vem. Por enquanto é só. Podes ir.

---

<sup>6</sup> Sífilis e, por extensão, doenças venéreas em geral.



### CAPÍTULO 3 ADEUS À PÁTRIA

**E**ra madrugada de sexta-feira, primeiro de fevereiro de 1549. Fazia frio. Há pouco haviam levantado âncoras ao largo da praia do Restelo, a meia légua de Lisboa. O grande porto, a Ribeira das Naus, aos pés do Paço, encontrava-se assoreado. Embarcações pesadas corriam o risco de encalhar. Agora, com velas enfunadas por ventos de feição, os sete navios singravam a foz do Tejo, para adentrar no Mar Oceano.

Da amurada do castelo de proa da nau *Conceição*, a capitânia, Garcia d'Ávila observava fascinado a movimentação a bordo. O corre-corre dos mareantes para seguir as ordens gritadas pelo contramestre; o empurra-empurra das gentes de armas demarcando seu espaço; o entra e sai de colonos pelas escotilhas da entrecoberta; o incessante movimento no convés. Aquilo tudo era uma experiência nova. Distração envolvente para quem, como ele, vivia no campo, em terras de cortiça e olival. Em todo o caso, estava ali como criado do capitão-mor da flotilha e futuro governador do Brasil. Tinha obrigações a cumprir. E friccionando os braços para espantar o frio, balançando um pouco por conta do entrecchoque do navio com as ondas marinheiras<sup>7</sup>, o rapaz desceu as escadinhas do castelo de proa e caminhou em direção ao grande camarote.

Era ali, no extremo oposto, pouco acima do leme, que iriam alojar-se

---

<sup>7</sup> Ondas altas, habituais em enchentes ou vazantes da maré.

— sabe-se lá por quanto tempo — o governador, os outros dois fidalgos e mais o vigário designado para a futura cidade: o padre Manuel Lourenço.

A instalação ocupava toda a largura e talvez um quinto do comprimento da nau. Compreendia quatro pequenas cabinas de madeira, enfileiradas aos pares ao longo do corredor, com um recinto maior ao fundo. Um espaço com mesa para refeições, envidraçado na parte de trás por retângulos de vidro encaixilhados em delicados filetes de chumbo. E a um canto, em especial consideração às esposas dos dois fidalgos que viajavam com Dom Tomé, fora mandado construir o *quartinho e necessária*. Por outras palavras, um cubículo avançado, equipado com privada, aberta diretamente para o mar.

Enquanto pendurava algumas roupas do senhor e lhe arrumava o catre, Garcia ouviu mulheres a cochichar. Tratou de apurar o ouvido.

— É preciso cuidado com esse tal de Sousa — maliciava baixinho uma. — Não é mesmo que teve a coragem de partir sem os padres da Companhia de Jesus!

— Eles atrasaram-se, Mariinha — apartou outra voz feminina. — Não podíamos perder a maré alta. Dom Tomé deixou a nau *Salvador* a esperar por eles. Partem com a próxima preia-mar.

— Hum!... Eu é que não confio nesse homem. Um bastardo, minha querida. Um bastardo! Falam até que é filho de padre.

— Quiçá não. Diz o senhor meu marido só ter escutado falar boas cousas dele.

Garcia afastou-se discretamente e saiu para o convés. Bem que o senhor o havia prevenido. Das mais de mil e quinhentas pessoas que seguiam com eles para o Brasil, trezentas e vinte recebiam ordenado, e nenhuma fora contratada por Dom Tomé. O conde de Castanheira conseguira fazer do primo governador-geral. Os demais conselheiros do rei nomearam-lhe os auxiliares. Pêro Borges, por exemplo, marido de uma daquelas senhoras, que iria fazer justiça como ouvidor, fora indicado pelo conde de Vimioso. Pedro Ferreira, marido da outra, apadrinhado por Alcáçova Carneiro, secretário-geral do Reino, seria o tesoureiro da Fazenda. Mas estes eram apenas dois dos altos-comissários. Ao todo, a comitiva somava mais de mil e quinhentas almas. Não obstante, gente de confiança do governador só havia ele: Garcia d'Ávila. Não era de mexer com os brios?

Dirigiu-se à amurada do castelo de popa, onde Tomé de Sousa acabava de desejar boas-noites ao padre e aos dois fidalgos. Todos se haviam

postado ali, a apreciar as manobras do piloto para vencer as ondas do antigamente chamado Mar Tenebroso.

— Vim ver se o meu senhor carece de alguma coisa.

— Preciso não, meu rapaz. Ainda custa a amanhecer. Logo mais vou-me recolher para descansar um pouco. Tu já arranjaste tudo lá em baixo, pois não?

— Dentro dos possíveis, está tudo arrumado, meu senhor.

— Ótimo. Trata de te recolher, então. Conseguiste um lugar para ti?

— Consegui, meu senhor. Boca, o cozinheiro, deixou que eu me acomodasse na despensa dele.

— Só não me vás furtar coisa alguma, rapaz. Lembra-te de que estão todos de olho em ti.

— Furtar! Deus me livre, senhor. Prefiro morrer de fome.

— Melhor assim. Podes ir, então. Em precisando de ti, mando-te chamar.

Garcia fez um cumprimento com a cabeça e ia a retirar-se. De súbito pareceu mudar de ideia e voltou-se sobre os próprios passos.

— Dom Tomé... Sabes aquelas duas senhoras, as esposas de Dom Pedro e de Dom Pêro?

— Naturalmente. O que houve com as senhoras?

— Uma estava a falar mal do meu senhor.

— Assim, logo no início da viagem!

— Verdade seja, só uma falou mal. A mais velha. Dona Mariinha. A outra até defendeu Vosmecê. Sabes o que ela estava a falar? Que o senhor era filho de padre.

— Futricas de mulher, não me contes — recriminou, com um gesto de impaciência. — Tenho pavor a isso. É como te disse, rapaz: essas gentes da corte não são como em Póvoa de Varzim. É preciso tomar cuidado. Mas não quero saber de futricas. Traz-me só o que julgares realmente importante e necessário.

— Como queiras, meu senhor.

— Boa-noite, então. Podes ir.



## CAPÍTULO 4 ENCONTRO NA ÁFRICA

Quinze dias mais tarde, na escala para reabastecimento de água e víveres na ilha do Sal, em Cabo Verde, foram alcançados pela nau *Salvador*, comandada por Dom António Cardoso de Barros. Este, que mesmo donatário do Ceará nunca lá pisara, seguia agora para o Brasil como provedor-mor. Em certa medida, o responsável pela economia da colónia inteira. Idiossincrasias da corte! Dom Tomé arrumou-se com apuro para o receber a ele e aos padres que, por se atrasarem na saída de Lisboa, vieram na *Salvador*. Dececionou-se um pouco. Ao provedor-mor ele já havia sido apresentado no Paço. Os outros não conhecia, e nem imaginava que o fundador da Companhia de Jesus em Portugal pudesse ser tão jovem. Muito menos que andasse vestido com tamanha simplicidade. De facto, a sua figura magra e a baixa estatura não faziam dele um homem em quem se reparasse. Parecia-se mais com um desses rapazes de cara anónima e tipo comum, que cruzam os nossos caminhos sem serem notados.

— Seja bem-vindo, Cardoso de Barros; seja bem-vindo, padre-mestre — cumprimentou, dirigindo-se ao jesuíta com um gesto largo de cortesia. — Sou o vosso irmão em Cristo, Tomé de Sousa. Permite-me apresentá-lo a Dom Pêro Borges, nosso ouvidor-geral, e à sua senhora, Dona Mariinha. A Dom Pedro Ferreira, tesoureiro da Fazenda, e à sua senhora, Dona Anastácia. E ao capelão desta nau, o padre Manuel Lourenço, futuro vigário da cidade que vamos construir nas Terras do Brasil.



Cavalheiros e senhoras fizeram as medidas de praxe. Suando em bicas na sua batina negra sob o Sol da África, o jovem jesuíta fez as reverências devidas e sorriu acanhado.

— Muita satisfação, minhas senhoras e meus senhores. Mas o padre-mestre Simão Rodrigues não pôde vir. Mandou-me em seu lugar. Sou Manuel da Nóbrega. — E apontando com a mão: — Estes são os padres João Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes e António Pires. E aqueles ali, os nossos irmãos Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

— Bem-vindos, de qualquer modo — contemporizou o capitão-mor, ligeiramente desconcertado. — Mas vem, ó Cardoso de Barros. Vem, padre-mestre. Vamos sair deste Sol. É uma pena não podermos alojar todos no grande camarote. Mas ao menos o senhor, padre-mestre, podias dividir a cabina com o capelão e viajar com um pouco mais de conforto.

— Seria um prazer — completou o padre Lourenço, mentindo generosamente. Ele também ficara desapontado ao ver Manuel da Nóbrega. Tivesse quebrado os seus votos mais cedo, talvez tivesse um filho da idade do jesuíta.

— Eu cá não sou o padre-mestre, meus senhores — insistiu Nóbrega, tirando o chapelão preto e passando a mão pelos cabelos encharcados de suor. — Sou apenas um padre. E agradeceria se vossas mercês não se preocupassem comigo. Prefiro prosseguir viagem na nau *Salvador* mesmo. Só gostaria, se o senhor capitão concordar, de distribuir os meus irmãos pelos outros navios. Assim, propagaríamos melhor as bênçãos do Senhor.

— Perfeitamente — concordou Tomé de Sousa, ligeiramente aborrecido. — Se é o que o reverendo deseja...

— Por falar nisso — continuou Manuel da Nóbrega —, não é cá nesta vossa nau, senhor capitão, que estão a viajar os meninos da Casa dos Órfãos de Lisboa?

— Sim. Estão connosco na *Conceição* oito desses meninos.

— Então... Se permitires, gostaria de os transferir para a *Salvador*. Apreciaria muito ficar alojado com eles. Disseram-me que lá nas Terras do Brasil os gentios andam nus, na sua inocência. Precisamos de preparar o espírito dos miúdos. Vosmecê não acha também, senhor vigário?

O padre Manuel Lourenço concordou sem convicção. Para ele, tanto se lhe dava. Cinquentenário não era de hoje, decididamente não viajava de boa vontade. Se estava ali, era unicamente por força das circunstâncias. Por conta de um acidente, por assim dizer. Cura de uma pequena aldeia nas faldas da serra da Estrela, a assistência especial que dava a certa viúva fora

denunciada ao bispo da Guarda, a quem estava subordinado. Chamado à sede da diocese e inquirido, não fora possível alegar inocência. A delatora, uma solteirona corroída por ciúmes, havia sido, ela própria, muito mais que uma paroquiana para ele. O imbróglgio resultara na transferência para o Brasil. Ou degredo, no entender dos que conheciam melhor o caso.

A partir de Cabo Verde os dias custavam mais a passar. O Sol nascia, o Sol punha-se, e a rotina recomeçava. Apenas céu, mar, um ou outro relâmpago, chuva de vez em quando e o rangido lastimoso das vergas nos mastros. De tanto em tanto tempo, com uma ampulheta na mão, o contramestre lançava ao mar um pequeno barco, atado a uma corda cheia de nós a intervalos regulares. Era assim que mediam a velocidade de deslocamento da nau.

— A quantas andamos? — questionou Tomé de Sousa.

O contramestre contou num lance de olhos os nós da corda, consultou a ampulheta e fez mentalmente as contas.

— Seis nós<sup>8</sup>, capitão.

Só muito raramente, um espadarte a saltar imponente das águas, ou a visão ao longe de uma baleia, quebrava o enfadonho ramerrão diário. O que mudava de facto eram as estrelas que se viam à noite no céu e a qualidade da água de beber. Armazenada em pipas de madeira, ia ganhando cheiro de alcatrão e tornando-se mais e mais intragável.

— Fu!... Isso lá é coisa que se beba, Boca! — comentou um dia o jovem Garcia com o cozinheiro, com quem havia feito amizade. — Ah, que saudades da água boa da minha Póvoa de Varzim!

Boca de Hemorroidas sacudiu o corpanzil na sua gargalhada escandalosa, de boca murcha pela ausência de dentes, emoldurada pelo lábio leporino. Some-se à barba rala as marcas de bexiga, mais o nariz de batata, e o cognome que lhe haviam posto parecia bastante adequado.

— Hum!... Tu ainda não viste nada, ó menino. As Terras do Brasil são bem ali. Coisa feia é ir para as Índias! — gabava-se, destripando um peixe grande, que haviam acabado de pescar. — Uma vez, a caminho de Calicut, umas desgraçadas de umas ratazanas roeram as minhas pipas. Quando me dei conta, não restava quase nada. Não queiras nem saber, ó menino. Ficámos mais de uma semana sem água.

— É mesmo, Boca! E como é que se arranjam, homem?

---

<sup>8</sup> Aproximadamente, onze quilómetros por hora. Medida de velocidade, um nó corresponde a uma milha náutica, ou mil oitocentos e cinquenta e dois metros por hora.

— O capitão era um filho da mãe de um sujeito valente. Um homem de bagos roxos, menino! Mandou que se desse a cada mareante apenas dois dedos de água por dia. A começar por ele.

— Dois dedos...

— Eh! Um dedo de água pela manhã e outro no finalzinho da tarde. Tudo medido aqui por este teu amigo.

— Que coisa, Boca!

— Está certo que ele teve de mandar enforcar uns dois parvajolas que me tentaram roubar. Mas no fim deu tudo certo. O capitão conseguiu chegar às costas de Zanzibar, e a gente esbaldou-se de tanto beber água!

— Tu tens cada história...

— Já te contei a vez em que tive uma coisa ruim cá na barriga e vomitei dentro da sopa?

— Arreda!... Deixa de nojeira, ó Boca.

— Verdade, menino. Eh, eh, eh!... E olha, o diabo da sopa ficou tão boa que até o capitão mandou elogiar.

Não fossem as longas conversas com o cozinheiro e com os colonos, os dias arrastar-se-iam ainda mais. Acordava-se ao nascer do Sol e comia-se meia dúzia de biscoitos acompanhados de um copo de mulso; uma mistura de vinho, mel e água. À *hora prima*, ou seja, às seis da manhã, assistia-se à missa no convés. Ficava-se, então, a ansiar pelo jantar, que começava a ser servido uma hora antes do meio-dia. A primeira rodada, com as melhores escolhas, ia para o grande camarote. A segunda, para piloto, contramestre e oficiais da guarda. Só então chegava a vez dos colonos, da soldadesca, dos demais passageiros e mareantes em geral. Aplacava-se então a fome com uma sopa de peixe. Às vezes, com um naco de carne salgada, misturada com arroz e cevada. Comia-se depois uma lasca de marmelada e isso era tudo até às *vésperas*, o pôr do Sol, quando se tinha direito a um pouco de vinho e a outra meia dúzia de biscoitos. Biscoitos grandes, meados de grãos, duros como vidro no início da viagem; à medida que os dias passavam, mais e mais moles e infestados de gorgulhos.

Depois de cinquenta e seis dias no mar, num fim de tarde, do cesto da gávea um grumete gritou: terra à vista! Com um sorriso nos lábios e expressão de alívio no rosto, as pessoas amontoaram-se num dos lados da amurada, fazendo o navio adernar. Todos queriam um vislumbre das tão idealizadas Terras do Brasil. Para muitos, aquela era a primeira viagem por mar. Uma excelente viagem, por sinal. Com ventos favoráveis e nenhu-

ma tempestade, haviam atravessado mais de seiscentas léguas de oceano e chegado exatamente onde tinham planeado.

— Quantas braças? — perguntou impaciente o contramestre, que havia mandado lançar o prumo para verificar a profundidade.

— Vinte e duas — respondeu aos berros o marujo que fazia o serviço. — Vinte e duas braças.

— Eu fico cá bestificado — admirou-se Garcia. — Com tanto mar em volta, o piloto acertar assim... Parece até feitiço, ó Boca. Benza-nos Deus!

— Eh, menino, nem tudo está perdido. Eh, eh, eh!... A vida lá no Reino é aquela merda que tu bem sabes, mas na arte de marear ninguém é melhor do que nós cá, os portugueses.

Por enquanto, o Brasil era apenas uma vaga silhueta no horizonte. Um perfil de contornos mal definidos pela luz avermelhada do Sol poente.

Depois de confabular com o piloto e o contramestre, Tomé de Sousa decidiu mandar baixar as velas e lançar os ferros. Era o mais prudente, aconselharam-no. Como a profundidade era pequena, o melhor seria aproar à luz do dia. A orientação foi passada aos gritos para os outros navios da flotilha, com o pedido de que os capitães viessem reunir-se ao capitão-mor na *Conceição*.

— Sãos e salvos cá estamos — gracejou Dom Tomé com um raro sorriso, levantando uma taça de vinho.

— Com a graça de Deus! — repetiram todos no grande camarote, quase em unísono.

Por ordem do capitão-mor, à ceia foram distribuídas lascas generosas de queijo e doses extras de vinho. Era noite de festa e comemoração. As pessoas eram todas sorriso. Conversavam animadamente e faziam planos.

— Gostei do que vi — comentou com o cozinheiro Garcia d'Ávila, de voz um pouco embaciada pelo excesso de bebida.

— Tu estás é bêbado. Eh, eh, eh!... Viste o quê? Tu não viste nada, ó menino.

— Estás certo, estás certo. Não vi mesmo, ainda. Mas senti. O meu faro é bom, Boca. Senti o cheiro de coisa boa a vir daquelas Terras do Brasil.

— Coisa boa? Só se for cheiro de *rata*<sup>9</sup>! Eh, eh, eh!... Isso lá tem muito. Nunca vi sítio para ter mais *ratas* à solta!

— Arreda! Deixa de heresia, ó Boca — recriminou o falso pudico Garcia d'Ávila. — Tomara que o padre te ouça...

---

<sup>9</sup> Termo vulgar, usado em Portugal, para os genitais femininos.

— Ora o padre! E tu achas que ele não gosta não, eh! Já viste homem que não gosta de *rata*? Só mesmo se for invertido. Tu és invertido, ó menino?

— Arreda! Fala isso cá de mim que eu faço contigo o que Dom Pedro fez com o Afonso Madeira. Corto-te aquele membro que os homens têm em maior apreço.

## CAPÍTULO 5 TERRAS DO BRASIL

**A**s primeiras horas da manhã seguinte, enquanto os fiapos de bruma ainda se despregavam do espelho d'água, levantaram âncoras novamente. Poucos prestaram atenção à missa daquele dia. Até mesmo o padre Lourenço não parecia muito concentrado. Atropelando o latim, desincumbiu-se o mais rápido possível do serviço.

Com a aproximação da costa, aos poucos, a paisagem foi ganhando feição mais nítida. À esquerda, uma língua verdejante de terra avançava mar adentro. Uma grande ilha, segundo Boca de Hemorroidas. À frente e à direita, a costa plana, debruada de areia branca, pontilhada aqui e ali por morros e penedos, tendo como pano de fundo um maciço de vegetação alta e densa.

— Que terra bonita, ó Boca! — admirou-se o jovem Garcia. — Acho que nunca vi nada assim.

— Feia não é, não — concordou o cozinheiro. — Mas graciosas mesmo são as gentias. Tu vais ver, ó menino. Todas pardinhas, com tetinhas e *ratinhas* à mostra... Umas belezuras!

Por volta das nove horas, os navios finalmente deitaram ferros. Fundearam em frente do Morro de Santo António, na entrada da baía de Todos-os-Santos. Era ali que se erguia a Vila do Pereira, o arraial de poucas casas construído por Jorge Pereira Coutinho, o finado donatário daquela capitania, morto anos antes pelos índios.

O casco do primeiro batel nem havia roçado na areia e Diogo Álvares, com água pelo meio das pernas, já estava a tratar de cumprimentar os recém-chegados. Usando um cocar de penas coloridas na cabeça e uma tanga de algodão em volta do corpo, poderia ser tomado por um nativo, não fosse a barba grisalha e os olhos claros. Mas todos lhe conheciam a história.

Homem-lenda, traço de união entre dois mundos, é certo que, nos seus setenta e poucos anos, Caramuru, como era chamado pelos nativos, já contrabandeara muito pau-brasil para os franceses. Em todo o caso, havia salvado a pele de muitos portugueses e castelhanos também. E tinha sido a ele que escrevera o próprio rei de Portugal, a avisar da chegada do governador e a pedir apoio para a nova empresa de colonização do Brasil.

*E porque sou informado — escrevera el-rei — da muita prática e experiência que tendes dessas terras, das gentes e dos costumes dela (...) vos mando que, quando o dito Tomé de Sousa chegar, ajudeis no que deveis cumprir e no que ele vos encarregar, porque fareis nisso muito serviço.*

A real missiva havia sido entregue várias semanas antes, pelo capitão de uma caravela de passagem para as Índias, e tinha deixado Diogo Álvares muitíssimo envaidecido. Imediatamente reuniu os quarenta e poucos habitantes adultos do vilarejo e colocou-os a par da notícia. Aos homens, mandou que fossem à caça o quanto antes e trouxessem tantos veados, capivaras, antas e caititus quantos pudessem abater. Às mulheres, que salgassem as caças, pusessem as galinhas para chocar, colhessem os milhos e favas, ralassem toda a mandioca possível, para fazer farinha, e tratassem de plantar mais.

Depois de tanto tempo ausente da pátria, el-rei, em pessoa, mandara-lhe uma correspondência. Dera-lhe uma incumbência por escrito. Não podia dececioná-lo. Assim, com seu barco a reboque da caravela que lhe trouxera a boa-nova, embarcou para a capitania de Ilhéus, onde Felipa, uma das suas filhas mestiças, e o genro, um genovês que desertara da expedição de Martim Afonso, viviam. Da Vila de São Jorge dos Ilhéus trouxe muitos patos, galinhas e mantimentos diversos que, somados aos da sua própria lavra, tinham tudo para fazer bela figura junto do tenente do rei. Só o que não contava era que o capitão-governador trouxesse com ele mais de mil e quinhentos convivas.

— Não te preocupes, ó Diogo Álvares — asseverou Tomé de Sousa, tão logo foi colocado a par das novas aflições do anfitrião. — Eu compreendo.

— Mas... e el-rei? A matalotagem que eu consegui juntar mal dá para

uma quinzena... Eu cá pensava que o capitão vinha num barco. Quiçá dois. E o meu senhor aparece-me com oito! Como vai ser possível eu agasalhar e alimentar tanta gente?

— Não te preocupes, meu bom senhor. Daremos um jeito. Colocaremos homens para caçar. Outros, para pescar. E, aos colonos, mandaremos plantar as sementes que trouxeram.

— E o agasalho? A estação das chuvas está a passar, mas sempre chove um pouco por aqui.

— Eu mando que as minhas gentes continuem alojadas nos navios. Acomodámo-nos lá por tanto tempo... Podemos perfeitamente ficar mais uns dias.

— E el-rei? Como é que eu fico? Sua Majestade fez uma carta para mim, o meu senhor compreende-me? Não posso desapontar el-rei.

— Não te preocupes, ó Diogo Álvares. Mandarei dizer a Dom João que tivemos uma receção à grande. Receção digna de príncipes.

Caramuru botou as mãos nodosas e magras em cada ombro do fidalgo e olhou-o fixamente nos olhos.

— Vosmecê realmente faria isso?

— Faria não, meu bom amigo, farei. Podes ficar tranquilo. Dois desses barcos aí não são d'el-rei. São do Álvares de Andrade. Parece-me que tu conheces os pilotos, pois não?

— Conheço sim, meu senhor. Já fiz serviço para eles.

— Então... Tão logo descarreguem as nossas tralhas e recarreguem os navios com pau-de-tinta, os dois voltam para o Reino. Mando a carta por eles.





CAPÍTULO 6  
CADA TERRA COM SEUS USOS

**E**m repetidas viagens, marolando entre as ondas, batéis e escaleres iam trazendo para a praia os passageiros dos oito navios. Alguns, mais afoitos e impacientes, vieram mesmo a nado. Carregadas nos braços de oficiais para não molharem os pés e os longos vestidos de sarja, as mulheres dos fidalgos chegaram num dos primeiros translados. Dona Mariinha transpirava e não parava de reclamar. Tão logo foi deixada na praia, mandou que as negras da Guiné, suas escravas, estendessem uma manta entre as árvores para a proteger do Sol. Ali, de leque em punho, aboletou-se com a sua amiga Dona Anastácia, sob o olhar curioso de algumas crianças.

— Xô, saiam para lá!... Miúdos abelhudos! Que mal fiz eu a Deus... Não sei onde estava com a cabeça, minha querida, quando concordei com o Pêro Borges em vir para esta terra desgraçada. Que calor, Anastácia! Sinto-me sufocar.

— Ora Mariinha, não é pior que o Alto Alentejo no verão. De mais a mais, o lugar da mulher é ao lado do senhor seu marido — argumentou a outra, impaciente. — É melhor tratares de te acostumar. O contrato é de três anos.

— Nem me lembres isso, minha querida. Três anos cá, neste lugar desgraçado... Queira Nosso Senhor Deus que eu morra antes! Mas... Diz-me: tu reparaste nas vestes que essas gentes usam? Só aquele paninho de nada

na cintura!... Quando bate um ventinho... — observou, com um sorriso malicioso. — Nunca vi tantas *vergonhas* na minha vida, minha querida. E cada uma!... Tu reparaste como são lisinhos de pelos? Será que rapam ou são assim mesmo?

— Sei lá eu, ó Mariinha. Estou mais preocupada é com o Pedro Ferreira, no meio desse bando de raparigas nuas.

— Eu... olha... Tu sabes. Prefiro até que o senhor meu marido faça as porcarias dele fora de casa. Assim, ao menos dá-me cá sossego. Sina desgraçada da gente, Anastácia! Tu nem imaginas como tenho nojo daquele chouriço branco a entrar dentro de mim — garantia, fazendo uma expressão de desconsolo. — Tome-lhe chouriço, tome-lhe chouriço, e nem filhos consegui. Isso é que me dá tristeza.

Mais de vinte mulheres, índias e mestiças, enxamearam o dia inteiro no quintal da casa de Diogo Álvares, para preparar a comida da multidão que não parava de chegar à praia. Depois de uma pequena discussão entre o ouvidor e o capitão-mor, até mesmo os quatrocentos prisioneiros, trazidos para o Brasil para cumprir pena de degredo, tiveram permissão para desembarcar. Apenas foi colocado para eles um veredicto antecipado: ao primeiro sinal de comportamento impróprio, seriam enforcados. Sumariamente. Sem apelo. Sem clemência.

O velho e empertigado Diogo Álvares, ainda que com passo arrastado, corria de um lado para o outro dando ordens e distribuindo tarefas. Nem parecia contar os alegados setenta e quatro anos. Um desavisado talvez lhe atribuisse sessenta e tal. Mas lá ia ele! Entre uma coisa e outra, mostrava aos ilustres recém-chegados as roças de mandioca, cará, milho e abóbora; o pasto onde mantinha meia dúzia de cavalos, descendentes dos ali deixados pelo antigo donatário; o local onde viviam os gentios.

A clareira aberta na mata, próxima a um regato, comportava meia dúzia de compridas cabanas, dispostas em círculo, com uma espécie de praça ao meio. À chegada dos visitantes, as mulheres pararam de tagarelar e de socar pilões, as jovens deixaram de se pintar ou pentear umas às outras, as crianças suspenderam as brincadeiras. Com jeito desconfiado e risinhos tímidos, vieram todos ver de perto o grupo liderado por Caramuru. Chamava-lhes a atenção, em particular, uns homens, de longos camisolões negros, que mantinham no rosto uma expressão de piedosa simpatia. Caramuru saudou a todos com naturalidade e pediu para avisarem o chefe da sua chegada.

Na sóbria dignidade dos seus talvez sessenta anos, com os cabelos já ralos e um tanto encanecidos, Morubixaba apresentou-se inteiramente nu. Usava apenas o *ajucará* e o *mapuí-cuai-chuare*, o colar e a bracelete de penas coloridas. Em todo o caso, ainda mostrava no corpo uma musculatura que dizia bem do guerreiro forte que havia sido. Cumprimentou Caramuru à maneira habitual e, embora estivesse perfeitamente a par da chegada da armada, questionou altivo:

— *Mbaé apyábape aipó?* (Quem são esses homens?)

Diogo Álvares explicou tratar-se dos chefes, e do grande chefe branco, sobre os quais haviam falado anteriormente.

— *Abape ke sobasse, cuibó omae nhenima?* (Quem é esse que chega e olha para cá dissimuladamente?)

— *Japutereba* (O tira-pecados) — explicou Caramuru, sorrindo para o padre Nóbrega, que se adiantara um passo com olhar bisbilhoteiro.

— *Rá!* — exclamou Morubixaba, convidando os recém-chegados a entrarem na sua morada.

Como todas as demais, a *oca* do chefe era de formato abaulado, com paredes e teto de palha e nenhuma janela. Pequenas aberturas nas duas extremidades, e mais uma no centro, davam acesso ao interior: um amplo salão de terra batida, de uns dez passos de largura por cinquenta de comprimento, entremeado de estacas que sustinham o telhado, e tirantes nos quais armavam as redes de dormir.

De súbito, Tomé de Sousa pareceu assaltado por uma inspiração repentina.

— Só me ocorreu agora, Diogo Álvares... Não deveríamos ter trazido uma prenda para o chefe gentio?

— Seria muito apreciado, meu senhor.

— De que tipo de coisa eles gostam?

— Bugigangas, enfeites... Mas instrumentos de cutelaria e ferramentas são o que mais apreciam.

O governador acariciou o cabo cinzelado da adaga que carregava à cinta, um dos muitos presentes que havia ganho dos bajuladores de Cochim, nas Índias. Pareceu consternar-se um pouco, como naquelas despedidas silenciosas de velhos amigos. Sacou então do largo punhal com certa reverência e, fazendo uma saudação respeitosa com a cabeça, ofereceu a arma ao velho índio.

Morubixaba arreganhou o seu melhor sorriso de dente único. Facas, ou *itaquicé*, como ele chamava, já havia visto muitas. Mas nenhuma tão

bonita. Experimentou passar suavemente a lâmina num dos dedos. Com encantamento infantil, sorriu quando o filete de sangue brotou.

— *Meengaba amoaí... Itaeté antã!* (Lindo presente... Ferro duro) — exclamou, enquanto chupava o ferimento.

Pegou depois num tição na pequena fogueira que havia dentro de casa e acendeu cerimoniosamente o seu *pitimbú*. Deu duas ou três baforadas e ofereceu o cachimbo ao governador. Tomé de Sousa aspirou a fumaça do tabaco profundamente. Engasgou-se, tossiu e ficou vermelho, fazendo Caramuru e Morubixaba rirem-se gostosamente.

— *Aujé catutenhé! Xe rory catu nde ruári. Nde rerupe nde remirecô?* (Ora, muito bem! Estou contente com a tua vinda. Trouxeste a tua mulher?) — perguntou Morubixaba, e Caramuru traduziu.

— Diga-lhe que não — pediu Tomé de Sousa. — Deixei-a no Reino, a cuidar da nossa quinta.

E assim, intermediados por Diogo Álvares, os dois chefes, o branco e o índio, trocaram amenidades e cumprimentos.

— Sabes o que eu não entendo, meu amigo? — questionou o governador mais tarde, no caminho de volta, depois de se afastarem da aldeia. — Essas gentes parecem-me tão amáveis... Tão pacíficas... Como é que mataram o Francisco Pereira Coutinho?

— A culpa foi dele, meu senhor. Não quis cá ouvir-me...

## CAPÍTULO 7 CAPITANIA DA BAHIA

**F**rancisco Pereira Coutinho era filho do alcaide-mor de Santarém e neto do marquês de Marialva. Um homem que não herdara título de nobreza, mas de ascendência nobre. Não obstante, de tão pouco afável no trato, desde a juventude, era mais conhecido pela alcunha de *Rusticão*. No verão de 1532, quando el-rei decidira dividir a província de Santa Cruz em capitâneas hereditárias, em busca de povoar as terras e evitar o constante assédio francês ao Brasil, a família de Pereira Coutinho pegara-se com o secretário-geral do Reino. Alcáçova intercedeu junto de Sua Majestade. Dom João guardava recordações do Pereira Coutinho. Aos treze anos, o agora monarca, então um jovem príncipe, ficara maravilhado com o *ganda* que aquele moço trouxera para a Coroa, a mando de Muzafar, rei de Cambaia, nas Índias. Um presente inesquecível. Nada menos que o primeiro rinoceronte a pôr os pés no Velho Mundo. Não fora difícil convencer o *Piedoso* a doar a *Rusticão* cinquenta léguas de beira-mar no Brasil, indo da foz do rio São Francisco até à do *Jaguaripe*, “o rio das onças”, no extremo sul da baía de Todos-os-Santos.

Pereira Coutinho, que, quando a serviço nas Índias, conseguira desentender-se com todos os seus superiores imediatos e, graças ao seu gênio ríspido, havia feito inúmeros desafetos em Portugal, viu na mercê do rei a grande chance de reconquistar prestígio e fazer fortuna. Assim, vendeu tudo o que tinha em Santarém e associou-se a cinco outros fidalgos de

pouca expressão. Juntos, armaram sete pequenos navios, recrutaram duzentos colonos e um padreco de aldeia, despediram-se das famílias e rumaram para o Brasil.

Tão logo aportaram, foram recebidos na praia por Diogo Álvares. A sua lendária presença na Bahia já era conhecida há anos, mas não estava só daquela vez. Além de dúzias de gentios, outros oito europeus acompanhavam Caramuru. Dois haviam sido deixados ali por Martim Afonso de Sousa, quatro anos antes, para “fazer experimentos com sementes e averiguar o que daria a terra”. Os outros seis eram desertores da própria expedição de Martim Afonso e de uma outra, comandada por Simão de Alcázoba, capitão castelhano que se extraviara da rota e naufragara na Bahia.

Diante do alvará régio que lhe fora apresentado, Caramuru, que já vivia naquelas terras fazia vinte e seis anos e se considerava um pouco dono de tudo aquilo ali, não pôde deixar de ceder. Pior. Teve de se conformar com a doação, por parte de Pereira Coutinho, de uma sesmaria de “quatrocentas varas de largo por quinhentas de comprimento”, míseros quarenta e cinco hectares, no local onde estava instalada a aldeia dos seus amigos nativos. Ainda assim, em respeito ao rei, ajudou como pôde na construção da vila de quarenta casas de taipa, cobertas de palha, destinada a ser a sede da capitania.

Embora a terra lhe parecesse pacífica, Pereira Coutinho não deixou de tomar precauções. Ergueu em torno da vila uma paliçada de pau a pique e, à frente dela, mandou escavar um fosso de segurança. Com a terra retirada do fosso, revestiu a cerca, transformando-a em muro. Fez mais. Construiu em local estratégico<sup>10</sup> uma torre de pedra e cal de dois pisos, protegida por seteiras e guaritas, na qual instalou os quatro canhões que trouxera para o caso de encontrar piratas pelo caminho.

Habituaados por Caramuru a lidar com contrabandistas franceses de pau-de-tinta, os tupinambás foram bastante hospitaleiros com os recém-chegados. Iam frequentemente à vila fazer escambo de caças e mantimentos frescos. Quando a pesca era farta, até ofereciam peixes de presente.

“Peixes de até oito palmos”, escreveu o donatário. “Muitos linguados, salmonetes, pescadas e sardinhas.”

Não demorou muito, dois dos fidalgos que vieram com Pereira Coutinho tomaram-se de amores por filhas mestiças de Caramuru.

---

<sup>10</sup> Onde existe hoje o Forte de São Diogo, no bairro da Barra, em Salvador, Bahia.

Batizadas pelo padeco da expedição, Vicente Dias ficou com Genebra e Antão Gil, com Isabel. O filho de outro associado, Jorge Figueiredo Mascarenhas, mais tarde uniu-se a Apolónia. E uma vez que Felipa e Madalena, duas das outras filhas de Caramuru, já estavam a viver com Paulo Dias Adorno e Francisco Rodrigues — desertores da expedição de Martim Afonso de Sousa —, Diogo Álvares sentia-se, e era de facto, o verdadeiro patriarca da Bahia.

Os canhões estavam sem uso, a capitania progredia, mas *Rusticão* continuava tão pouco afável como sempre. Roía-se de ciúmes do prestígio de Caramuru. Para conquistar o seu próprio espaço de influência, concedeu a Afonso de Torres, outro dos fidalgos que vieram com ele, uma sesmaria na enseada de Paripe, no recôncavo da baía. Ora, no passado, Afonso, que era espanhol, já havia ganho muito dinheiro a traficar escravos da África para as Antilhas. Nada mais natural para ele que escravizar os índios das redondezas, como mão de obra para o seu engenho.

Começou a violência. Inconformados, os tupinambás suspenderam as rixas entre si e uniram-se. Arregimentaram seis mil guerreiros, queimaram o engenho de Afonso, mataram vários portugueses e sitiaram a Vila do Pereira. O estado de guerra, com baixas esporádicas dos dois lados, durou mais de cinco anos. Cinco anos de terríveis privações e desgostos para os colonos, que viam as suas roças e tudo fora dos muros da vila ser destruído pelos gentios. O confronto só não durou mais tempo porque Caramuru conseguiu dar fuga a Pereira Coutinho e seus associados, levando-os para Ilhéus, a capitania vizinha.

De regresso à Bahia, com o peso do seu prestígio e após demoradas negociações, Caramuru conseguiu um armistício com os índios. Mandou então um portador ao donatário com a boa-nova: desde que não escravizassem mais os nativos, poderiam voltar. A paz estaria garantida. Pereira Coutinho voltou. Contudo, já bem próximo do que restara da Vila do Pereira, o navio em que viajava chocou com uns arrecifes na baía de Todos-os-Santos. Os naufragos conseguiram chegar à ilha de Itaparica, onde foram prontamente capturados pelos tupinambás que lá viviam e que, ou não sabiam do armistício, ou fizeram de conta que não sabiam.

— **A**cabaram por servir de jantar para os gentios — concluiu Caramuru para o novo governador e seus assessores.

— Tu falas de um jeito, ó Diogo Álvares — interpôs Pêro Borges, o ouvidor-geral —, como se isso lá fosse a coisa mais natural do mundo.



— Se Vosmecê vivesse cá como eu, há quase quarenta anos, também acharia, meu senhor.

E explicou. Se olhada por outro ângulo, essa tradição tupinambá tinha o seu quê de nobreza. Os guerreiros que caíam prisioneiros, antes de entrar na taba inimiga, ganhavam cocares das melhores penas. Na chegada, eram até saudados como heróis. Embora proibidos de deixar a aldeia, comportando-se a contento, poderiam caminhar à vontade e conversar com toda a gente. Enquanto isso, os guerreiros tratavam de ir espalhando a notícia da sua captura e convidando outras aldeias para a festança.

— Fazem uma festa então? — ironizou Pêro Borges.

— Sim, meu senhor — garantiu Caramuru. — Uma festa das boas! Dura vários dias. No primeiro, o prisioneiro é conduzido ao terreiro, onde lhe pintam todo o corpo. No segundo e no terceiro dias, dançam em torno dele. No quarto, ele é levado logo cedo para um banho, e só então começa o sacrifício propriamente dito, quando se espera que demonstre coragem para merecer morte tão digna.

— Morte digna? — ridicularizou Pêro Borges. — Uns selvagens, é o que são!

— Pois é, meu senhor. Era o que o finado Pereira dizia.

— Mas... continua, continua — pediu o governador.

— Só no quinto dia toda a preparação ritual, as danças e os cantos chegam ao fim, quando um guerreiro valente abate o prisioneiro a golpes de borduna. A partir daí... Bem, algumas porções são comidas cruas. Outras moqueadas e guardadas para depois — completou com ar divertido.

— Mas... porquê isso?...

— Ora, senhor padre! Para incorporarem neles próprios a coragem e a valentia do guerreiro morto — explicou Caramuru. — Mal comparando, como vossas mercês fazem com as hóstias, na missa!...

— Costumes bárbaros — sentenciou o ouvidor-geral.

— Pode ser... Mas às vezes, veja Vosmecê, eles acham que bárbaros somos nós. Sabe uma coisa com que não se conformam, meu senhor? O facto de os brancos que aqui aparecem não gostarem de banho. Eles tomam três, quatro banhos por dia. As mulheres nem fedem nas partes como as do Reino. Mostram-se sempre lisinhas de pelos e lavadinhas — afiançou, para completar com um sorriso traquinas. — E como gostam de um *rala-rala!*...

Fidalgos e padres franziram a testa. Alguns pigarrearam, em sinal de desaprovação.

— Peço desculpas, meus senhores. Perdoem este velho, reverendos. As gentes cá não têm maldade. Vosmecês entendem-me, pois não?

— Mas então... — atalhou Tomé de Sousa, mudando de assunto, para disfarçar o constrangimento. — As ordens que recebi são para fazer uma cidadela num lugar seguro. Aqui, realmente, os antecedentes não são nada bons. Por falar nisso, o que é feito da torre do Pereira Coutinho?

— Os gentios puseram abaixo, meu senhor.

— E os canhões?

— Ficaram jogados na praia por um bom tempo. Uns franceses que andaram por aqui depois levaram para eles.

— Os franceses... — reticenciou o capitão-governador, com os polegares enfiados na correia a tiracolo que lhe sustinha a espada. — Eh! Decididamente, cá onde estamos não é um lugar seguro. Não te parece, ó Pêro de Góis?

— De facto, governador — aquiesceu o caolho donatário fracassado da Capitânia de São Tomé, agora capitão-mor da costa, encarregado da defesa e da esquadra real que aportara no Brasil. — Ao nível do mar, torna-se muito fácil qualquer invasão.

— E por que não em cima do morro? — sugeriu o prestimoso Caramuru. — Lá, dentro da baía, tem um local que é muito bom para ancorar navios, com uma vista magnífica de cima. Naquele sítio, penso eu, daria uma cidade bem protegida.

— Tem água doce por lá?

— Sim... Muita.

— E pedras?

— É o que não falta! O local do qual estou cá a falar é um serrote al-cantilado, de umas setenta varas<sup>11</sup> de altura.

Seguiram-se várias perguntas. Se havia madeira em abundância, se o terreno no planalto era acidentado ou plano, se existia barro bom para fazer tijolos e telhas, se daria para montar uma caieira e preparar cal virgem.

— Isso lá eu já não sei — respondeu Caramuru, coçando o pescoço por baixo da barba. — Mas creio que deva dar, sim. Se o meu senhor quiser, amanhã ou depois poderemos ir até lá, para Vosmecê dar uma olhada e ver se apraz.

— É uma boa ideia — aprovou o governador. — Carecemos inclusive

---

<sup>11</sup> Antiga medida de comprimento, equivalente a cinco pés, ou cerca de um metro e meio.

de levar o Luís Dias, o mestre de obras. Por falar nisso, onde é que ele se meteu? Tu aí não o viste, ó Garcia?

Garcia d'Ávila, que desde o desembarque não arredara pé do seu senhor, ficou sem ação por um instante.

— E então, ó Garcia? — impacientou-se o patrão.

— A última vez que eu vi o mestre Luís, Dom Tomé, foi quando passámos por aquele sítio onde vivem os gentios.

— Sim, mas o que é que foi feito dele?

O rapaz sorriu amarelo, desconcertado.

— E então? — insistiu o fidalgo. — Desembucha, ó Garcia.

— Bem, o que eu sei... Quer dizer... o que eu vi, meu senhor, foi ele a entrar no mato atrás de uma gentiazinha.

Os padres fizeram com o polegar da mão direita uma cruz na própria testa, outra na boca e a última no peito, recitando entredentes em latim: “Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos.”

— Santo Breve da Marca! — surpreendeu-se Tomé de Sousa, pensando alto. — Vai ser difícil.

## CAPÍTULO 8 PRESENTE DO CHEFE

Somente em meados da tarde a refeição começou a ser servida. Carne de veado, capivara e caititu, de galinha e de pato, batata-doce, abóbora e milho. Tudo devidamente assado em grelhas de varas e servido em folhas graúdas, acompanhado de farinha de mandioca, *cauim* e *caribé*.

— O *caribé* também é feito de mandioca — explicou o velho, depois de contar como era feito o *cauim*. — Mas leva água, mel de abelha e ovos de tartaruga. Bebida de moça! Bom mesmo é esta aqui, ó! Experimente, meu senhor.

— Homessa! Que coisa boa, meu amigo — elogiou Tomé de Sousa depois do primeiro gole. — Parece até a bagaceira.

— Não é bagaceira, não, meu senhor. Uva, cá não tem. Mas eu chamo assim mesmo *cachaza*. Como aquele vinho do bagaço da uva, lá de Portugal.

— De que é feito isso, ó Diogo Álvares?

— Do melaço da cana-de-açúcar, meu senhor. Das canas que o Pereira Coutinho cá deixou, a gente planta um pouco todos os anos para fazer essa bebida.

— Boa. Muito boa, mesmo! Mas forte. Desce fervendo. Bem que podia chamar-se *água ardente*.

— O meu senhor deve estar de barriga vazia. Daqui a pouco melhora. E o caititu aí, que tal?

— Olha... Parabéns! Parece até leitão...

— Não deixa de ser. É um porco-do-mato.

A refeição farta, depois de quase dois meses de penúria, encorajava os ânimos e *cauim*, *caribé* e *cachaza* cuidavam de quebrar a rigidez hierárquica. A senhora Mariinha, de tanto que insistiu com o marido, acabou por ser levada de volta para a nau. Foram com eles também o outro casal, o vigário, os meninos do orfanato de Lisboa e os jesuítas. Logo depois o Sol pôs-se, a noite caiu e, com ela, o que restava das inibições.

Um contramestre, já meio bêbado, começou a cantar uma cantiga muito em voga nas tavernas do Reino. Um piloto armou-se com a sua gaita e seguiu-o. Logo se formou uma roda. Em volta da fogueira fizeram coro, bateram palmas e dançaram. Os nativos foram-se achegando aos poucos e acabaram entrando na brincadeira. Não tardou muito e o espaço aberto de terra batida, entre as casas do arraial e a praia, era uma festa só. Festa animadíssima.

— Penso que preciso de dormir, meu amigo — confidenciou, a altas horas, Tomé de Sousa para o anfitrião, em tom de voz já um tanto pastosa. — Manda-me chamar aí, se fazes favor, o meu criado Garcia, para me levar para a nau.

— De jeito nenhum, capitão. Vosmecê vai dormir em minha casa. A minha velha fez até uma enxerga de penas de pato para o meu senhor...

Começou então uma longa arenga de bêbados, com um refutando aquilo que o outro propunha, e vice-versa.

— Não quero que o meu pessoal me veja assim, ó Diogo Álvares. O capitão não pode dar mau exemplo, meu amigo.

— Não careces de te preocupar. Pode deixar comigo. Ninguém vai aperceber-se. Faz de conta que vais ao mato esvaziar a bexiga. Eu cuido do resto.

A casa de taipa, coberta de palha, estava às escuras, mas mesmo levando a reboque o fidalgo, Caramuru caminhava com desembaraço. Quase não havia móveis a evitar.

— Pronto, aqui ó! Isso... Podes sentar-te. Dá-me cá o teu chapéu. Isso... Agora a espada. Dá-me a tua espada, meu senhor. Vou deixar ela aqui, ó, encostada na parede. Agora tira o gibão, que eu cá tiro as tuas botas.

Só quando se deitou na enxerga, o hóspede percebeu que havia mais alguém a seu lado. O sentimento de autodefesa suplantou a zonzeira da bebida. Voltou a sentar-se.

— Santos Evos! Que diabo é isso? Quem é que cá está?

— Ei! Não te preocupes, meu senhor. É uma prenda tupinambá. De Morubixaba, o chefe daquela aldeia onde estivemos ainda agora à tarde. É a filha dele. Acabou de ter o primeiro mênstruo.

— Pelo amor de Deus, Diogo Álvares! Eu não quero saber disso — enfatizou, tentando colocar-se de pé. — O que é que tu estás a pensar? Eu sou o governador aqui. Não posso dar mau exemplo.

— Calma, meu senhor. Não te ofendas. É um antigo costume da terra. Uma honra muito grande que o chefe concede a Vosmecê. Ele queria fazer a entrega lá na festa. Eu cá é que não deixei. Mas não te preocupes. Se o meu senhor quer governar estas terras, vai ter de se adaptar aos costumes. Lembras-te do Pereira Coutinho? Então. Aproveita, Dom Tomé. Essa é a melhor forma de estabelecer uma aliança com os gentios.

— Mas eu... Tu estás louco... Eu sou um homem casado. Um pai de família. Um fidalgo da casa de Dom João. O que é que tu estás a pensar?

— Ora, ora, Dom Tomé. Vosmecê está há dois meses no mar. Deve estar com precisão — ironizou, conduzindo-o amavelmente pelas espáduas. — Vamos lá... Deita-te, capitão. A menina foi instruída. Sabe tudo. O meu senhor não tem nada a perder. Vosmecê não deu um presente para o chefe? Ele quer retribuir. Só isso.

— Mas...

— Vamos lá... Não te aflijas. Deita-te. Isso... Deita-te. Deita-te, capitão. Garanto que o meu senhor vai ter uma noite das boas, viu!

— Mas e... e os padres? Se eles souberem...

— Eles já embarcaram. Não te preocupes. Não vão saber de coisíssima alguma. Mas, se souberem, tem para eles também. Mulher, com a graça de Deus, é o que não falta nestas Terras do Brasil! — assegurou com um sorriso, batendo amigavelmente no ombro do fidalgo. — Muito boas-noites, meu senhor. Durma bem.



CAPÍTULO 9  
O DIA SEGUINTE

**A**cordou com o alegre pipilar dos passarinhos. Ainda estava um pouco escuro. O Sol espreguiçava-se, antes de levantar. Por conta da bebedeira, a cabeça de Dom Tomé doía, mas as cenas da noite anterior voltaram-lhe à mente, fazendo brotar-lhe um sorriso maroto no rosto. Limpou o canto dos olhos com o dedo e virou-se no catre.

A jovem dormia de lado. Nua. Um pouco encolhida, com os braços semicruzados sobre o peito. Como era graciosa, com aqueles labiozinhos enfunados, aquela franja de cabelos escorridos, aquele corpinho bem moldado que mal despertava para a puberdade! Não fossem os desenhos que trazia pintados sobre as coxas e nádegas, dir-se-ia um anjo moreno. Um anjo como aqueles que antigamente se viam numas tantas igrejas, antes que a Inquisição mandasse disfarçar os aprestos sexuais e a nudez inocente das imagens sacras.

Olhando com encantamento o seu anjo moreno ao sono, o fidalgo não conseguiu furtar-se a recitar mentalmente um dos versos de *O Velho da Horta*, de Gil Vicente.

*Que galante!*  
*Que rosa!*  
*Que diamante!*  
*Que preciosa perla fina!*



*Oh, fortuna triunfante!*

*Quem meteu um velho amante com menina!*

Levantou-se com cuidado para não acordar. Calçou as botas, vestiu o gibão, colocou o talabarte a tiracolo e a espada à cinta, meteu o chapéu enfeitado com plumas na cabeça e, ajeitando as vestes com puxões enérgicos, pé ante pé, saiu do quarto. Quase tropeça. Garcia d'Ávila atravancava a passagem, dormindo de cócoras. Irritou-se. Precisou de bater no ombro do criado para conseguir passar.

— Psiu! — ordenou, com o dedo frente aos lábios.

O rapaz levantou-se assustado, abrindo e fechando os olhos. O governador repetiu o sinal de silêncio e fez outro, mandando que ele o seguisse.

— Que raio de diabos estavas tu a fazer à porta dos meus aposentos? — questionou em tom repreensivo, tão logo se acharam a uma distância segura da casa.

— Eu?... Dando guarda a Vosmecê, meu senhor.

— Dando guarda a mim!... E desde quando te pedi isso?

Garcia d'Ávila demonstrava embaraço.

— Vosmecê não pediu, Dom Tomé. Mas com essa gente toda bêbada por aí ontem à noite, achei melhor velar o sono do meu senhor. Obrei mal?

— Obraste, sim.

— Obrei, meu senhor?

— Quer dizer... Não. Não obraste mal. Tu fizeste bem, mas... — balançou a cabeça, abaixando o tom de voz. — Tu atordoas-me. Escuta aqui, ó rapaz. Se alguém disser uma palavra sobre o que aconteceu naquele aposento ontem à noite, eu mando-te enforcar. Mando pendurar-te pelo pescoço numa dessas árvores graúdas. Estás a ouvir-me bem? Não quero uma palavra sobre isso. Fui claro, Garcia?

— Perfeitamente, senhor. Perdoa-me se...

— Muito bem. Chega. Esqueça essa história. Leva-me para a *Conceição*. E trata de remar sem fazer barulho. Não quero acordar nem mesmo um passarinho. Entendido?

No meio da manhã, Garcia bateu à porta da cabina do governador no grande camarote. Caramuru subira a bordo e pedia para falar com o capitão.

— Muitos bons-dias, meu senhor — cumprimentou respeitoso —, espero não o ter acordado.

— De forma alguma, Diogo Álvares — contrapôs o fidalgo, um tanto

desconcertado, receando alguma referência à noite anterior. — Acordei cedo. Estava a fazer uma carta a el-rei. Aquela que te prometi.

— Ah!... Fico muito agradecido — falou com humildade, coçando o pescoço, por baixo da barba. — Vim saber se o meu senhor não gostaria de ir conhecer o sítio sobre o qual falei ontem. Aquela, dentro da baía, para Vosmecê construir a tua fortaleza.

— Sim. Ótima ideia. Vamos sim. Podemos ir de batel, ou é melhor ir na *Conceição*?

— Se o meu senhor me der o gosto, podemos ir no meu barco mesmo.

— Sim, claro — concordou, debruçando-se curioso na amurada. — Estou a ver. Muito boa a tua embarcação.

— Bondade do meu senhor. É só um velho barinel que tomei de uns *maír*. Mas que é bem maneirinho, isso lá é!

— Tomaste de quem?

— De uns *maír*. É como as gentes cá da terra chamam aos franceses. Francês é *maír*. Português é *peró*.

— *Peró*?... Interessante — admirou-se. — Ó... Garcia, chama-me aí o Pêro Borges, o Pedro Ferreira e o padre. Manda também alguém gritar para a *Salvador*, pedindo para o Cardoso de Barros vir cá estar comigo. Que tratem de me encontrar o Pêro de Góis e o Luís Dias, também. É bom que o mestre de obras vá connosco, não é mesmo?

— Como queiras, capitão — assentiu Caramuru. — Mas, se o meu senhor me permite, seria melhor Vosmecê mandar que se apressem. Essa brisa boa aí vai só até uma hora antes do meio-dia. Depois, é calma até à boquinha da noite. E como se costuma dizer lá na terrinha: mais anda quem tem bom vento que quem muito rema.

Diogo Álvares tinha razão. Costeando o morro de Santo António, a brisa da manhã levou-os rapidamente ao interior da baía. Acostaram na praia de uma enseada e começaram a subida da serrota. Mesmo com Gaspar, Gabriel e Jorge à frente — três latagões mestiços, filhos de Caramuru —, desbastando a golpes de foice e facão a picada, os visitantes esfalfavam-se. Não era fácil caminhar na mata, saltar troncos e escalar a encosta com a indumentária que vestiam. Todavia, como os homens têm vergonha de se mostrarem fracos, bufavam e resfolegavam... mas subiam.

A vista do alto era magnífica. Dali, enxergava-se quase toda a baía e as suas ilhas.

— É a maior das ilhas cá da Bahia — ensinou Caramuru, apontando

com o dedo. — Os gentios chamam-na *Itaparí* ou *Itaparica*. De *ita*, que quer dizer “pedra”, e *pari*, “cercado”. “Cercado de pedra”, pois, pois.

— Interessante — expirou Tomé de Sousa, tomando fôlego. — A ilha é cercada de pedras, então?

— Perfeitamente, meu senhor. Toda, lá não sei. Mas, até onde eu cá conheço, é cercada por um colar de arrecifes.

— É habitada?

— Sim!... Tupinambás também, mas inimigos dos daqui. Foram eles que... — sorriu Caramuru — ... que jantaram o Pereira Coutinho.

O governador esboçou um sorriso sem graça e postou-se de pernas abertas, com os pulsos na cintura, detendo-se a observar a baía. Maior que a famosa baía de Nápoles, que ele conhecia, a de Todos-os-Santos também era um imenso espelho azul-turquesa, de onde os raios de Sol pareciam arrancar faísca. Encheu os olhos com aquela beleza, aspirou o cheiro gostoso da maresia e virou-se depois para o grupo.

— Perfeito, Diogo Álvares. Obrigado pela tua ajuda, meu bom amigo. É aqui que construiremos São Salvador. Com essa magnífica baía aos pés — elogiou, dirigindo o olhar para o capitão da costa. — Penso que cá poderiam ancorar todos os navios do mundo. Não te parece, ó Pêro de Góis?

— Sem dúvida, Dom Tomé. E já agora, a ribeira é bem jeitosa. Poderíamos batizá-la de Ribeira das Naus.

— E construir na praia uma ermida — ajuntou o padre Manuel Lourenço, resfolegante. — Uma igrejinha, onde os mareantes pudessem fazer as suas orações, na chegada e na partida. Como a do Restelo. Não tenho mais idade para viver a trepar morros. Se tiver de subir cá umas tantas vezes, Vosmecê vai acabar por ficar sem o seu vigário, governador.

Todos sorriram. Afora Diogo Álvares, aquele padre era o mais velho do grupo. Malgrado não fosse assim tão gordo, ostentava portentosa barriga. Decididamente, fora um enorme sacrifício para ele empreender aquela subida.

— Boa ideia, meu padre — brincou Tomé de Sousa, dando tapinhas camaradas no ombro do sacerdote. — Excelente ideia também a tua, Pêro de Góis. Vamos chamar o porto aí então Ribeira das Naus, como em Lisboa, e construir na praia uma ermida. Uma igrejinha em honra de...

— Porque não Nossa Senhora da Conceição, já que *Conceição* foi a nau que nos trouxe em segurança? — propôs o padre Manuel Lourenço.

— Perfeito. Ermida de Nossa Senhora da Conceição... Conceição da Praia — emendou, dirigindo-se ao mestre de obras. — Agora é contigo,

Luís Dias. Vamos trazer as gentes todas para cá o quanto antes. Amanhã mesmo. Tu podes começar pela ermida. Agora, no aniversário d'el-rei, quero a paliçada pronta, e pelo menos também a cadeia, a sede da câmara e os armazéns do porto.

— Mas... O aniversário do rei não é a 6 de junho, capitão?

— Exatamente. Hoje é 30 de março, não é isso? Então. Amanhã trazemos as gentes. Começando no dia primeiro, tens... deixa-me ver... Vê só! Sessenta e seis dias — concluiu alegre. — Um número mágico, Luís Dias! O aniversário do rei é dia seis, do mês seis, e Vosmecê tem até lá sessenta e seis dias. Não te parecem boas alvíssaras?

Com a exceção de Pêro Borges, o gorducho ouvidor-geral — de mau humor, como sempre — e cara ainda mais afogueada pelo esforço despendido, todos se divertiram com o desafio imposto ao mestre de obras. Fosse por estarem a pisar terra firme, vendo de cima o mar, depois de dois meses à mercê dos caprichos dele; fosse pela expectativa da nova vida; quiçá pela folgança da noite anterior; o facto é que havia mudado para bem melhor a disposição de espírito do grupo.

— E podes contar com a ajuda do Diogo Álvares e as suas gentes — ajuntou o governador. — Podemos ou não podemos contar, meu bom amigo?

— Naturalmente, meu senhor. Embora o capitão tenha ofendido a minha velha, não querendo pousar a noite passada em nossa humilde morada, cá estou para o servir, consoante el-rei determinou.

A referência à última noite fez Tomé de Sousa sentir o rosto abrasar um pouco. Porém, com a piscadela de olho do velho, percebeu-lhe o ardil.

— Muita verdade, Diogo Álvares — apressou-se a emendar. — Ontem acabei por não passar a noite em tua casa. Perdoa se te ofendi e à tua senhora, Dona Paraguaçu. Durmo lá esta noite. Fica bem assim?

— Será um imenso prazer, meu senhor. A minha velha vai ficar muito feliz. Ela já estava lá a pensar que o Caramuru aqui não tinha mais prestígio algum. Ainda hoje cedo me disse: *Cuida-te marido* — remedou, imitando os trejeitos de uma velha índia. — *O teu respeito aí com o capitão está mais por baixo do que guizo de boicininga!*

— Guizo de quê? — questionou Dom Tomé.

— *Boicininga*. É como as gentes cá da terra chamam uma cobra venenosa que tem chocalhos no rabo.

O jantar daquele dia foi igualmente farto. A festa na praia e tudo o mais repetiram-se. Contudo, na manhã seguinte, com Caramuru na vanguarda,

para melhor guiar os navios por entre os bancos de areia e arrecifes, as três naus, duas caravelas e o bergantim d'el-rei ancoraram na enseada, no regaço da baía de Todos-os-Santos.

— Porquê de Todos-os-Santos? — questionou Garcia, que, como quase todos da expedição, deparava-se com aquela maravilha pela primeira vez. — Foi Vosmecê que assim a batizou, Dom Tomé?

— Não, meu rapaz. Quem batizou foi um tal Américo Vespúcio, que, a mando d'el-rei Dom Manuel, o pai de Dom João, andava por estas terras a desenhar mapas, e cá chegou a primeiro de novembro. No dia de Todos os Santos, do ano da graça de 1501.

— Uma beleza, isso aqui!

— Bonita, mesmo, é a paisagem lá de cima — afixou o capitão-governador. — Mas não gastes demais as tuas vistas. Por ora, vamos todos ficar alojados nos barcos. E tu hás de subir e descer esse serrote aí, ó, umas tantas vezes, todo dia.

— E porque é que os navios do Álvares de Andrade não vieram conosco, meu senhor?

— Virão. Antes, é preciso fazermos uns cercados, para que possam descarregar os cavalos, porcos e outros animais que transportam. Mas deixa-te de arengas, ó rapaz. Temos muito que fazer.

## CAPÍTULO 10 PROVÉRBIO DAS ARÁBIAS

**A**s ordens do rei para Tomé de Sousa eram bastante explícitas. Estavam reunidas num longo e detalhado regimento de quarenta e dois artigos, onde num dos trechos se podia ler:

*E no sítio que vos melhor parecer, ordenareis que se faça uma fortaleza da grandura e feição que requerer o lugar em que a fizerdes, conformando-vos com os desenhos que levais, executando os trabalhos com os oficiais que para isso vos mando e com quaisquer outros que bem entendais.*

Assim, no primeiro dia de abril, com base nas plantas previamente desenhadas em Lisboa, convenientemente adaptadas às circunstâncias locais, as obras começaram. Sob as ordens do mestre Luís Dias e a supervisão de trezentos e vinte homens de armas, os quatrocentos prisioneiros que cumpriam pena de degredo e duas dúzias de gentes trazidas por Caramuru foram postos a trabalhar. Começaram por abrir uma ladeira na encosta, para facilitar a subida. Depois, derrubaram a mata, aplainaram o terreno e começaram a erguer a paliçada em volta da futura cidade. Enquanto isso, pedreiros supervisionavam a feitura da cal, das telhas, do corte e aparelhamento das pedras de cantaria; carpinteiros lavravam as árvores abatidas ou

entravam nas matas próximas em busca de outras, para transformar em tábuas, vigas, pranchões e ripas.

Em pouco mais de duas semanas, a ermida de Nossa Senhora da Conceição da Praia ficou pronta. É certo que não passava de um salão de uns doze por quatro passos, com paredes de taipa, um campanário no telhado e um quartinho para o vigário nos fundos. Mesmo assim, caiada de branco, com um sino no campanário e uma cruz no seu ponto mais alto, ficou de muito bom parecer. Ali, celebravam-se agora missas pela manhã e à tarde. Missas que, de segunda a sábado, foram aos poucos perdendo audiência, até a congregação se limitar praticamente só a padres e irmãos, meninos órfãos, Dona Mariinha, Dona Anastácia e as suas negras da Guiné.

Todos tinham muito que fazer. Um formigueiro humano era a melhor comparação de um típico dia de trabalho na construção da cidade de São Salvador. Com Garcia d'Ávila a postos, à guisa de ajudante de ordens, Tomé de Sousa corria de um lado para o outro sob o Sol inclemente; ora incentivando, ora elogiando, vez ou outra censurando quem executava algum trabalho mal feito, ou se deixava vencer pelo cansaço e pelo calor.

— Vamos lá, minhas gentes — instigava Dom Tomé. — O aniversário d'el-rei está a chegar. O dia 6 de junho está logo aí! Precisamos disto aqui pronto para comemorar o natalício de Sua Majestade.

Assim, das seis horas da manhã às seis da tarde, quase não se parava de trabalhar. Naquele ano, o outono fora de poucas chuvas. Havia bastante sol, as obras progrediam e as plantações, que os colonos começavam a fazer no fundo dos vales, emitiam os primeiros brotos.

Entrementes, o povo árabe tem uma máxima. Segundo eles: “Se alguma coisa acontecer uma vez, talvez não aconteça nunca mais. Mas, se acontecer uma segunda, certamente acontecerá uma terceira.”

E Dom Tomé começou a afligir-se. A sentir falta de Yuruti, a indiazinha com quem dormira por duas vezes em casa de Caramuru.

Uma noite, depois de beber solitariamente um canjirão inteiro de vinho, sentado nos degraus do castelo de proa da nau *Conceição*, sob um céu de estrelas que pareciam piscar em admiração pelo milagre de ver surgir uma cidade no meio do nada, o fidalgo não resistiu. Quando o criado foi perguntar-lhe se precisava de mais alguma coisa, saiu-se com uma colocação canhestra.

— Quero que tu vás à Vila do Pereira amanhã bem cedo, e avises o

Diogo Álvares que pretendo dormir a noite próxima em casa dele. Mas trata de ir sozinho e sem dar nas vistas. Entendido?

— Naturalmente, meu senhor — assentiu prazerosamente o moço, percebendo a manobra do patrão. — Vou de batel.

— Diz-lhe que estou saudoso da hospitalidade dele. Que me venha convidar para passar lá uns dias. Mas que trate de arranjar uma boa desculpa, ou não poderei ir.

— Deixa comigo, meu senhor. Parto antes de o Sol nascer.

No final da tarde seguinte, quando os trabalhos estavam a chegar ao fim, Caramuru acercou-se da tenda onde se reuniam os principais da expedição. Estavam quase todos lá. O ouvidor-geral, e o provedor-mor, o tesoureiro da Fazenda, o mestre de obras, o escrivão da provedoria... Até o padre Manuel da Nóbrega estava naquele dia, numa discussão acalorada sobre a sua intenção de erguer uma escola do lado de fora da paliçada.

— Pelo sangue de Cristo, senhor padre! — insistia o governador, entre ansioso e exaltado, andando de um lado para o outro, com as mãos cruzadas nas costas. — Então não bastam os regimentos d'el-rei? Não podes transigir com os aspetos de segurança, padre. Queira Deus que não, mas podemos perfeitamente ser atacados, a qualquer instante, por gentios ou por franceses. Como vamos proteger os reverendos fora dos muros?

— Nosso Senhor nos protegerá, capitão.

— Sei, padre. Naturalmente que protegerá. Mas porquê isso? Porque é que Vosmecê não constrói a escola cá dentro?...

— Cá dentro os gentios sentir-se-iam intimidados. E se o capitão bem se lembra, a nossa missão nestas Terras de Santa Cruz é converter os gentios à verdadeira fé. Para isso cá viemos e cá estamos, *ad majorem Dei gloriam*<sup>12</sup>.

Foi então que Caramuru entrou.

— Muito boas-tardes, meus senhores. Sua bênção, padre.

— Chegaste em boa hora, ó Diogo Álvares — atalhou o governador. — Estava mesmo a tentar mostrar ao padre Manuel da Nóbrega o quanto pode ser perigoso viver fora dos muros. Não achas que tenho razão, ó Diogo Álvares?

— Acho, meu senhor. Tens toda a razão. Verdade seja, é por isso que cá estou.

---

<sup>12</sup> Divisa dos jesuítas: “Para maior glória de Deus.”



— Como assim? O que houve? Aconteceu alguma coisa?

— Carece que o meu senhor me acompanhe à vila. Apareceram uns chefes gentios por lá. Querem conferenciar com o grande chefe branco.

— Não percebo. Como assim?

— É o costume deles, meu senhor. Chegam de repente e... Bem, querem parlamentar contigo.

— Mas, assim... Sem mais nem quais! O que desejam?

— Não sei. É o jeito deles, capitão. E o meu senhor não pode deixar de ir, nem deve levar escolta. Tens de ir sozinho. No máximo, com o teu escudeiro, o Garcia.

— O meu escudeiro? Imagina!

— Não importa. Se quiseres levar o moço, melhor para ti. Se não quiseres, tudo bem. Mas eu conheço cá os costumes dos gentios. A situação carece que o meu senhor vá passar uns bons dias lá na vila.

— É tão urgente assim?

— Não tenhas dúvida.

— Penso que Vosmecê não deveria ir — retrucou o senhor ouvidor, com a sisudez da praxe. — Se quiserem conferenciar contigo, que venham cá. Vossa Mercê representa el-rei. Não pode submeter-te aos caprichos desses selvagens.

— Já eu acho que o senhor ouvidor deveria lembrar-se do Pereira Coutinho — ponderou Caramuru. — Ele pensava igualzinho a Vosmecê. E deu no que deu! O capitão carece de ir, sim.

— Que coisa mais absurda! Então uns selvagens chegam de repente e simplesmente... Ora mais...

— Não esqueças, Dom Pêro, que eu vivo entre essas gentes há quase quarenta anos. Quando Vosmecê veio à luz, eu cá já vivia. Conheço os costumes deles melhor que qualquer um aqui.

— Está bem, Diogo Álvares — atalhou Tomé de Sousa, buscando serenar os ânimos. — Se tu acreditas que é importante, eu vou. Vou contigo. Amanhã estarei de volta.

— Não, meu senhor — interpôs Caramuru. — Não esperes estar de volta nem amanhã, nem depois, nem tão cedo. Pode contar aí... bem uns quinze dias.

— Quinze dias!

— Por aí. Eu sei bem desses conselhos tupinambás. Eles têm todo o tempo do mundo. E quanto mais demorarem, tanto mais importante será a missão deles perante a aldeia.

— Quinze dias é muito tempo — alegou Dom Tomé. — O que os senhores acham?

— Eu vou com o senhor — sentenciou o chefe dos jesuítas.

— Nem penses nisso, padre — interpôs Caramuru. — Eles desconfiam de homens de saia. Para o bem do teu, e do trabalho de todos cá, permite que o capitão vá sozinho. No máximo com o Garcia. Se a empresa for bem-sucedida, como eu acredito, ficará muito mais fácil para todos o convívio com os gentios.

Fez-se um silêncio resignado na tenda.

— Muito bem. Se é para o bem de todos... Irei. Arruma as minhas tralhas, ó Garcia. As tuas, também. Seja Deus servido, estaremos de volta no menor tempo possível.

— Só mais um pormenor, meus senhores — atalhou Caramuru. — Demore o tempo que demorar, não mandem ninguém espreitar a Vila do Pereira. Eles trouxeram uns tantos guerreiros. Poderia ser perigoso.



## CAPÍTULO 11

### FÉRIAS NO PARAÍSO

**A**queles estavam a ser os melhores dias que ele tivera na vida. Até então, nunca se permitira tirar a máscara de virtuoso e sensato que usara desde menino. E lá se iam quarenta e seis anos!

O pai havia nascido em casa fidalga. Não obstante, fora levado ao sacerdócio por conveniências familiares. A mãe, inconformada com a perda do apaixonado, acabara por se tornar amante do jovem abade e tivera com ele nove filhos. A pecha de bastardo, e ainda por cima filho de padre, havia perseguido o jovem Tomé por anos a fio. Não fosse o primo Martim Afonso de Sousa, dificilmente teria tido acesso à corte de Dom Manuel, onde conhecera o conde de Castanheira, que viria a tornar-se o membro mais ilustre da família. Muito menos Dom João, filho do soberano, que um dia, com a morte do pai, subiria ao trono como el-rei.

— Confessa, ó Diogo Álvares — solicitou com voz pastosa, enquanto se deixava banhar alegremente no rio pela jovem Yuruti —, essa tua *cachaça* tem alguma coisa de mágico. Algum feitiço...

— Talvez tenha mesmo, meu senhor. Nela habita o espírito da alegria e do bem viver. — E levantando um brinde: — Que tua sombra nunca seja menor!

— Nem a tua, Diogo Álvares! — retribuiu, acarinhando displicentemente os seios da indiazinha. — Agora sei porque nunca quiseste voltar ao

Reino, seu velho traquinas. Por mim, eu também cá ficava pelo resto dos meus dias.

— Eh, eh, eh! O meu senhor ainda não viu nada... Isto aqui é o paraíso!

Era mesmo. Os dias pareciam voar. Quando acordava, Yuruti tinha sempre um gesto de carinho e umas doces palavras incompreensíveis, que lhe soavam imensamente agradáveis aos ouvidos. Criada sem peias ou censuras, no frescor dos seus quinze anos, a mocinha não se impunha limites. Assanhavam-na o cabelo e a barba. Brincava com os seus bigodes e montava-o na barriga. Ora lhe fazia cócegas, ora o colocava parcialmente no colo e lhe chamava *amoi*<sup>13</sup>. Ah! Que coisa boa era começar o dia com aquela menina ao lado. Com aquela coisinha tão linda e tão dócil, tão meiga e gentil, que não escolhia dia nem hora para os quefazeres do amor.

Quando finalmente saía da cama, Diogo Álvares já o esperava para o pequeno-almoço. Desjejum à base de hidromel e inhame cozido, seguido de frutas. Quantas espécies estranhas! Uma lembrava uma bexiga de bom tamanho, listrada em diferentes tons de verde, mas dentro tinha polpa vermelha, sucosa e refrescante; chamavam-na *jaçê*. Essa parecia uma cereja cheia de gomos, azedinha e refrescante; o nome era *pitanga*. Aquela outra, perfumada e succulenta, ora vermelha, ora amarela, trazia uma curiosa castanha na ponta e era chamada *acajú*.

— Não é como as nossas castanhas lá de Portugal, mas assada nas brasas é muito boa — assegurava Caramuru. — A baga também. Tem bom sumo. Agora, deixada de infusão, põe na *cachaza* um gostinho excelente. Mas, se queres saber, para mim a fruta mais nobre das Terras do Brasil é essa aqui, ó! — Apanhou-a e, pegando numa faca, com gestos hábeis descascou a graúda fruta, cortou-a em rodela, espetou uma delas na ponta da lâmina e ofereceu-a. — Experimente, meu senhor. Esse é o *ibakatí*.

— Que coisa deliciosa, Diogo Álvares. Deixa uns... uns sapinhos na língua da gente... Muito bom! Experimenta tu também, ó Garcia.

Garcia agradeceu e também se serviu.

— De onde é que vem isso? — questionou o fidalgo. — É de uma árvore?

— Não, meu senhor. Dá no chão. Assim, ó... no alto de umas folhas cheias de espinhos na borda, como essas que tem aí a coroar o fruto.

Nesses momentos, Garcia estava sempre por perto. Yuruti, não. Sumia, para só aparecer novamente depois da sesta, a soneca de umas duas ho-

---

<sup>13</sup> Lindo, em tupi.

ras, que o fidalgo tirava após a refeição do meio do dia, à sombra de uma árvore, na beira do rio. Garcia ficava à vista, de plantão. Quando Yuruti chegava, ele desaparecia. Quando ela saía, ele voltava. E assim se sucediam.

— Tive sorte com esse meu criado, não achas, ó Diogo Álvares?

— É um ótimo rapaz, meu senhor.

— Nunca vi ninguém tão discreto. Tem horas que eu até me esqueço que ele existe. E com tanta gentiazinha em volta, ele nem...

— Hum!... Vosmecê é que pensa!... Paraguaçu contou-me. Está de *rala-rala* com a Jurucê.

— Com quem?

— Com Jurucê. Uma das minhas filhas mais novinhas.

— Mas... Benza-nos Deus! Isso é um absurdo! Uma falta de compostura! Vou...

— Tolices, capitão. Deixa... Deixa... O que é que tem de mais, meu senhor? Deixa os miúdos divertirem-se. Ora se tem coisa melhor!

— Tu então não te incomodas?

— Incomodar, a mim? Eh, eh, eh! Eu só botei ela no mundo, capitão. Não é propriedade minha. E ainda que fosse... A *tambarerê* é dela... Ela que lhe dê bom uso.

— Mas... essa moça aí é tua filha com Dona Paraguaçu?

— Não. É da Caoby, uma das minhas outras mulheres.

— Outras! E tu tens muitas? Quer dizer... mulheres?

— Hum! — Coçou o pescoço, por baixo da barba. — Já tive mais. De momento, tenho só duas fixas.

— É mesmo, homem!... E a tua senhora, digo, a Dona Paraguaçu, sabe? Não se incomoda?

— Qual quê!... Depois que ficou velha e parou de querer *rala-rala*, de vez em quando até me traz umas menininhas.

— Tu estás a arreliar comigo, ó Diogo Álvares!...

— Estou não, meu senhor. — E sorriu gostosamente. — Eu não disse para Vosmecê que isso aqui era o paraíso!



## CAPÍTULO 12

### RIO VERMELHO

**C**avalgando a passo de marcha pela beira-mar, Caramuru levou Tomé de Sousa e o criado para conhecer o litoral norte, no lado oposto ao de São Salvador. Logo depois da vila, numa língua de terra que avançava mar adentro, parou o cavalo para mostrar um bloco de pedra limosa, enfiado parcialmente na areia.

— Quando cheguei, cá já encontrei — explicou Diogo Álvares. — Se Vosmecê reparar bem...

— Percebi. Quem diria... Ora se não são as armas da Coroa de Portugal!

— As gentes do Pereira Coutinho disseram-se ser um padrão, aqui deixado por um tal Américo Vespúcio.

— Pode ser — anuiu o fidalgo. — Vespúcio andou a fazer uns serviços de reconhecimento da costa para *o Venturoso*.

Passaram depois por uma sequência de oito ou nove praias, umas mais curtas, outras mais extensas, separadas entre si por pequenos morros e penedos. Penedos às vezes tão escarpados e rentes à água que precisavam de ser contornados pela mata.

Aqui e ali, viam-se rastos de tartarugas-marinhas, medusas e águas-vivas, amontoados de sargaços, regatos que se abriam em leque na areia. Ciscando nas margens, bandos de gaivotas branco-acinzentadas; e de fura-buxos, pardos de peito branco; de tão entretidos, mal se davam ao



trabalho de levantar a cabeça. “Aquele era mesmo um litoral muito bonito” — observou Tomé de Sousa —, “conquanto o quebrar das ondas denunciase ser o mar um tantinho raivoso.”

— E essas palmeiras, ó Diogo Álvares? — questionou Dom Tomé, apontando com o dedo. — Não me lembro de ter visto noutro lugar.

— Não sei o nome, meu senhor. São fruto de umas castanhas graúdas que vieram dar na praia com os restos de um naufrágio. Como estavam a brotar, plantei-as para ver no que dava. Deu essas palmeironas aí. — E incitando o cavalo na direção do grupo de palmeiras: — Venham. As castanhas têm dentro uma água muito doce.

Apeando do cavalo, Caramuru abraçou-se ao tronco da palmeira e começou a escalá-la. Subia com tal agilidade que o governador não conseguiu furtar-se a compará-lo a um macaco. Macaco branco e velho. Ainda assim, um macaco. Minutos depois, “o macaco” já estava lá no alto, a derubar alguns frutos.

— Cuidado aí — gritava sorridente. — Não queres vir cá em cima, capitão? Olha que a vista é magnífica! E tu aí, ó Garcia, vê se fazes alguma coisa. Deixa de moleza, homem! Pega o facão na minha sela e descasca a cabeça dessas castanhas. Mas toma cuidado. Menino que pega em facão à noite mija nas calças. Eh, eh, eh!

Beberam com entusiasmo infantil a água do coco e prosseguiram caminho. De quando em vez, faziam arrodeio mata adentro, para contornar os morros mais altos e os penedos. Cerca de uma hora depois pararam à sombra de uma árvore.

— Foi cá na foz deste rio que eu naufraguei, meu senhor.

— Foi este, então, o teu porto de chegada — brincou o fidalgo. — O que estavas a fazer cá no Brasil, ó Diogo Álvares? Estavas a serviço d’el-rei?

— Qual quê, meu senhor! Para dizer verdade, eu cá estava era a caçar dinheiro para pagar umas dívidas.

— Dívidas?

— Dívidas de jogo.

— Quer dizer, então, que o amigo gosta de um joguinho?

— Gostava. Oh, se gostava! Vinho, mulheres e dados... era tudo o que eu pedia a Nosso Senhor Jesus Cristo. O diabo é que andava numa maré de azar danada. Perdia de fazer gosto. Aí, como os credores me estavam a apertar muito, convenci um amigo meu a arrendar-me o caravelão dele e vim furtar uma carga de pau-de-tinta. Se tivesse dado certo, pagava a todo o mundo e ainda ficava com bom troco.

Com uma tripulação arrebanhada entre a escumalha das tabernas de Viana do Castelo, sob a promessa de pagamento generoso quando regressassem, a viagem transcorreu como uma daquelas excursões de farristas irresponsáveis, nas quais ninguém planeia coisa alguma. Alguns mareantes, de tão bêbados ou inexperientes, embarcaram mesmo como se partissem para um piquenique nos arredores, levando apenas a roupa do corpo. Dois meses, muitas brigas, muita fome e muita sede depois, acabaram por avistar terra.

Nas ilhas que Fernando de Noronha havia arrendado poucos anos antes, só havia pau-de-tinta bem novinho. Conseguiram, em todo o caso, um pouco de água empoçada pela chuva e alguma comida. Descansaram, divertiram-se a caçar golfinhos e embarcaram no caravelão novamente. A corrente sul-equatorial levou-os para sudoeste.

Uma semana mais tarde, avistavam terra outra vez, quando um acolchoado de nuvens escuras começou a encobrir o Sol. Enquanto o mar se encapelava e extraía das profundezas verdadeiras montanhas de água, alguém berrou que seria bom arriarem as velas. Não foi necessário. Uma rajada de vento, seguida de um remoinho, cuidou de arrancar primeiro os cutelos e a varredoura, e logo em seguida a vela latina. O temporal começava.

— Foi terrível, meu senhor! Depois de um dia inteiro de sufoco, acabámos por ser jogados contra uns arrecifes, a um tiro daquele morro ali — apontou Caramuru. — Abriu-se um rombo na proa do caravelão que Vosmecê precisava de ver! Na hora em que senti o baque e dei conta do estrago, corri para o castelo de popa para pegar a minha arquinha.

— Arquinha!...

— Uma canastra. Era nela que eu guardava os meus pertences. Não demorei quase nada. Foi só o tempo de jogar uma muda de roupa que estava pendurada dentro da arquinha e voltar. O caravelão já estava de proa baixa. Não encontrei mais ninguém no convés. A marinagem tinha abaixado o batel, veja Vosmecê, e remava feito uns desgraçados para vencer os vagalhões. Já estavam a bem umas dez braças!

— Abandonaram o barco e deixaram o amigo sozinho?

— Pois é. Gritei feito um condenado. Xinguei. Praguejei. E sabe o que um dos meus companheiros fez? Virou-se para mim, dobrou o braço com

o punho fechado e segurou a dobra do cotovelo com a outra mão. Um manguito!

— Bela tripulação a tua, Diogo Álvares! — brincou o governador.

— Pois é. Ainda bem que se foderam todos!

Tomé de Sousa franziu a testa e arqueou as sobrancelhas, repreensivo. Não gostava de ouvir palavras chulas da boca de subalternos. Soava-lhe como falta de respeito. Desconsideração.

— Perdoa, meu senhor, mas não existe palavra para pôr no lugar. Os filhos da puta foderam-se mesmo. Bonitinho! Eu cá não vi nada. Só descobri horas depois, quando cheguei à praia, agarrado ao mastro da gávea e à minha arquinha. Ela é que me salvou.

— A arquinha?

— Hum, hum!... A maré trouxe-me para cá. E sabes o que eu vi, meu senhor? A marujada toda com flechas espetadas pelo corpo. Parecia um bando de São Sebastião! A diferença é que a cabeça de alguns estava quebrada e com os miolos de fora.

— Santos Evos!...

— Eh, não era coisa boa de se ver, não! Era tanto sangue que o rio estava vermelhinho, meu senhor. Deu-me um medo, capitão... Um medo tão grande que botei a arquinha no ombro e desabalei numa carreira só.

— Não é para menos, homem. E depois, que fizeste tu?

— Escondi-me dentro de uma cova ali, ó, ao pé daquele morro, só que do lado do mar. Aí caí no sono ou desmaiei de cansaço. Sei lá eu! Quando acordei novamente, o dia estava a raiar. A tempestade havia passado. O mar estava tão calmo que fiquei com raiva. As ondas quebravam tão suave, tão mansinhas, que pareciam querer zombar de mim. Os meus belos planos, veja Vosmecê, tinham virado vinagre. E não é que o mar ainda zombava de mim!...

— Engraçada essa tua comparação. Depois da tormenta, o mar fica mesmo muito calmo. É como se diz, Diogo Álvares, depois da tempestade, vem a bonança.

— Pois é, meu senhor. Parece que vem mesmo. Daquela feita, porém, a tal bonança deu-me foi raiva. Uma raiva de não caber em mim. Estava a morrer de sede e com um pouco de fome. Mas estava mesmo era com raiva. Daquelas raivas de deixar um homem fora de si.

— E o que fizeste tu?

— O que eu fiz? Depois de rezar um pouco e praguejar um bocado, resolvi abrir a arquinha. A muda de roupa estava encharcada. O arcabuz

pingava água. Mas o meu bom e velho polvorinho aqui, ó — e bateu no polvorinho de estanho, pendurado a tiracolo —, tinha mantido a pólvora seca. Enxuguei o arcabuz o melhor que pude, carreguei o pau de fogo e enfiei o bicho na cinta. De tanta raiva que sentia, estava disposto a matar o primeiro filho da puta que me aparecesse.

— E encontraste? — perguntou Dom Tomé, depois de pigarrear, dando mostras de desaprovação pelo linguajar de Caramuru.

— Ora se encontrei!... Caminhando a passo de perdiz cá para o rio, esconde aqui, esconde acolá, vi uma dúzia ou mais de gentios a roubar as vestes e os petrechos da marinagem. Parti para cima deles. Cá eu penso que estavam entretidos demais com o saque. Peguei-os de surpresa. Mandei fogo e nem esperei a fumaça baixar. Recarreguei o arcabuz e mandei fogo novamente. Vosmecê nem imagina... Foi aquele alvoroço!

— E não acertaste em nenhum?

— Oh, se acertei! Acertei sim. O ódio faz a gente ficar de mira boa, capitão. Acertei os dois tiros. Mandei dois filhos da puta para os infernos!

— E os outros? — questionou o governador, esforçando-se para não levar mais em conta o baixo calão do palavreado.

— Os outros? Os outros ficaram foi a descer e a levantar os costados, com os braços semiabertos, como se fazendo uma reverência para mim! Aproximei-me, de arcabuz em punho, dizendo-lhes um monte de desaforos. Xinguei os gajos de todos os nomes que eu conhecia e me deu vontade. De filho da puta para baixo, não ficou nada!

— E não te atacaram?

— Qual quê! Levaram-me foi para a aldeia. Deram-me de beber... de comer... Mais tarde, o chefe até me deu a filhota dele para eu aliviar a pressão — gargalhou tão alto que assustou os cavalos. — Estou com ela até hoje: a minha velha, a Paraguaçu. Ela contava uns catorze ou quinze anos na época. Tinha tido o primeiro mênstruo.

— Interessante — interrompeu o fidalgo, receando maiores comparações. — E essa alcunha tua, deram porquê?

— Caramuru é um peixe, meu senhor. O nome que eles dão à moreia. Aquele peixe comprido, fino e venenoso. Eu cá devia estar mesmo magro — sorriu. — Comprido e venenoso, sempre fui.

— E quando foi isso? — perguntou Dom Tomé.

— Ah, faz tempo!... Foi em dez. Se bem me lembro, 20 de janeiro de 1510. Dia de São Gonçalo.

— Podias, então, ter batizado o rio aí como rio de São Gonçalo, como é de costume.

— E eu sei lá essas histórias de santos, meu senhor! Só sei que era dia de São Gonçalo por causa da festa. Lá no Reino, comi muita rapariguinha na festa de São Gonçalo do Amarante. O rio aí eu chamo mesmo é rio Vermelho. Por causa do sangue daquela marinhagem. Mas Vosmecê é quem pode dar cá nome às coisas. Não eu.

— De modo nenhum — fez-se simpático o governador, um pouco tocado pela tragicômica história do velho. — Se tu batizaste como rio Vermelho, no que depender de mim, rio Vermelho continuará a ser.

## CAPÍTULO 13

### LAGOA DO CAMARÃO

**D**aquela vez, saíram mais cedo do que de costume. Diogo Álvares prometera um passeio especial, com direito a refeição do meio-dia. Cavalgaram para norte um bom quarto de légua pela praia, e depois viraram para oeste, seguindo o curso de um regato.

— Dá para ir pela costa — comentou Caramuru —, mas cá por dentro corta-se bom caminho. Assim, pelo menos o capitão-governador conhece um pouco mais a terra.

À cabeceira de um pequeno lago, que Caramuru disse ser chamado pelos nativos *Tororó*, em alusão à possante fonte de água que o abastecia, entraram numa picada. Prosseguiram por uma sucessão de vales sombreados e húmidos. A vegetação ali não se assemelhava à da beira-mar. Era de exuberância tal, de um verde tão intenso, que parecia obra de algum jardineiro delirante. Plantas de folhas enormes, algumas graciosamente recortadas, enlaçavam o tronco musgoso das árvores, misturando-se a outras trepadeiras que, apoiadas em cipós, galhos caídos ou no que mais servisse de encosto, se esgueiravam para o alto à cata de Sol. A luminosidade era mesmo fraca no fundo do vale. Onde alguns poucos raios conseguiam infiltrar-se pela catedral de árvores, colónias de avencas disputavam o espaço com touceiras de fetos gigantes, afelandras, bananeiras silvestres e outras espécies extravagantes.

— Nunca vi tantas plantas esquisitas — admirou-se o fidalgo. — Penso que nem nas Índias!

— É a quentura, capitão. Água e calor, é do que o mato mais gosta — assegurou o velho com um sorriso. — Em compensação, nunca vi cá uma macieira, uma pereira... Nem mesmo um simples choupo ou oliveira. Sabe Deus!... Parece que cada terra tem lá os seus tipos de plantas.

Às vezes, a cantoria dos pássaros produzia um barulho atordoante. Uma infinidade de gorjeios e trinados superpostos, como num coral em que o maestro houvesse perdido o juízo. De súbito, os cantores todos se calavam e instaurava-se na floresta um perfeito silêncio. De quando em quando, macacos saltavam de um para outro galho, veados e capivaras assustavam-se e embrenhavam-se na mata, vespas e outros insetos tentavam ferrear os intrusos ou passavam a zunir pelo ouvido deles. E então, se um bem-te-vi ou um sabiá iniciasse o seu canto, chamando pela parceira, a sinfonia da passarada inteira começava de novo, com redobrado vigor.

Clareiras imprevistas denunciavam a derrubada de grandes árvores.

— É o pau-de-tinta, meu senhor. Antigamente, tirou-se muito pau-de-tinta por aqui. Hoje, é raro. Para arranjar, tem de se adentrar umas duas léguas sertão adentro.

— E voltam a brotar novamente? Digo, os paus-de-tinta derrubados?

— Acho que sim. Depende do jeito de cortar, penso eu.

— E cortam com o quê?

— Quando cá cheguei, os gentios usavam machados de pedra. Às vezes, fogo. Dava um trabalho dos diabos derrubar uma árvore. Depois que consegui machados de verdade, melhorou muito a vida deles.

Decorridas umas quatro horas de marcha, entrando e saindo de vales, atravessando a vau grande número de riachos e rios pouco profundos, foram desembocando em campos cada vez mais abertos.

— Chegámos. Estás a ver lá, capitão? Aquela, é a lagoa do *Pituaçu*.

— Como é que é?

— *Pituaçu*. É como os gentios a chamam. De *pitu*, que quer dizer “camarão-de-água-doce”, e *açu*, de “grande, graúdo”. Lagoa do camarão graúdo, pois, pois.

— Camarão-de-água-doce! Interessante. Estamos, então, longe do mar?

— Não muito. Vem — convidou, incitando o próprio animal. — Dali, de cima daquele morrote, dá para ter uma ideia melhor.

Observada do alto, o pitoresco da paisagem era a riqueza de contrastes. Emoldurada numa das cabeceiras pela floresta densa, estampava-se abaixo a grande lagoa escura, cercada, aqui e ali, por dunas de areia branca.

Areias tão brancas que pareciam o resultado de alguma nevada recente. Seguia-se, na outra extremidade, uma faixa de vegetação rala e, à frente, a praia de areias carameladas, lambidas pelo mar azul.

— Muito bonito — elogiou Tomé de Sousa. — Belo passeio este que me trouxeste, ó Diogo Álvares. E aquela fumaça atrás do outeiro? Vive gente cá?

— Vive sim. É para lá que vamos. O pesqueiro tupinambá.

Às margens da lagoa do *Pituaçu*, os índios acampavam por algumas semanas a cada ano para a pesca do *pitu*. Camarões cascudos, de coloração esbranquiçada, abdómen grosso e até um palmo de comprimento. Famílias inteiras dedicavam-se ao trabalho. Os homens a pescar, as mulheres a destripar, as crianças a enfiar os camarões em espetos finos de pau, postos depois ao sol para secar.

— Eles antes não faziam isso — explicou o velho. — Só pescavam o que podiam comer no dia. Quando a safra acabava, só voltavam a comer camarão no ano seguinte. Agora não. Depois que os ensinei a fazer a secagem, quando está a chover muito, quando dão azar na pesca ou na caça, podem comer camarão seco à vontade.

— Eh! Não é à toa que tu, cá, és tratado como um rei, ó Diogo Álvares — brincou Tomé de Sousa.

— Rei? Antes fosse! — exclamou Caramuru, sorrindo com gosto. — Não sou nem fidalgo... Mas já que Vosmecê falou de rei, venha. Vais comer o melhor camarão da tua vida. Um camarão que nem Dom Manuel, nem Dom João, nem mesmo o papa, experimentaram igual!

De facto, simplesmente cozidos no vapor, depois de banhados em água do mar, os tais camarões tinham um sabor suave, ligeiramente adocicado, realmente magnífico ao paladar. E regados a *cachaza* então!...

— Eu chamo camarão ao bafo — ensinou Caramuru.

— Eh, meu bom amigo — aprovou o governador ao final, arrotando e chupando os dedos, satisfeito. — Do jeito que tu me tratas, vou cá ganhar umas boas libras. Para ficar melhor, só mesmo uma soneca. Posso cá tirar a minha pestana, antes de voltarmos para a vila?

— Vosmecê é quem manda, capitão. Quando o Sol esfriar, voltamos pela praia a galope. Numas duas ou três horas estaremos em casa. — E dirigindo-se a Garcia: — Tu aí, ó escudeiro, eu cá lembrei-me de trazer a *cachaza*. Tu não trouxeste a rede do senhor teu patrão?

— Trouxe sim — asseverou Garcia. — Fiz como Vosmecê mandou. Está no meu alforje. Vou armá-la agorinha mesmo.



— Esse teu genro... — gracejou o fidalgo. — Mas... Tu que sabes de tudo, ó Diogo Álvares, explica-me cá uma coisa. Porque é a areia das dunas branca, se a areia da praia é caramelada?

— Eh, eh, eh! Isso lá eu não sei, não, meu senhor. Se calhar, o que sei é que essas areias cantam.

— Areias que cantam! Só tu mesmo para inventar uma história dessas.

— Não é invencionice não, capitão. Se Vosmecê prestar atenção...

— Eu cá não estou a ouvir cantoria alguma.

— Primeiro, deita-te lá na rede e fecha os olhos — sugeriu Caramuru.

— Vamos lá, o Garcia já está a armá-la. Depois, Vosmecê diz-me se as areias cantam ou não cantam.

— Deixa-te de histórias, ó Diogo Álvares. Onde já se viu!

— Verdade. Os gentios até sabem explicar o porquê.

— Os gentios? Uma lenda, provavelmente.

— Se é lenda, eu cá não sei. Mas que a história é bonita, é.

— Conta-me, então.

— Deita-te lá na rede, que eu conto — e contou.

Consta que um velho guerreiro, de nome Curimbaba, cansado das constantes mudanças da aldeia, não podendo mais caçar nem guerrear, recusou-se a seguir adiante e preferiu quedar-se cá, neste sítio. A mais nova das suas filhas, Jururê, contra tudo e contra todos, resolveu ficar a tomar conta do pai. Muitas luas se passaram. Um dia, em que o ancião estava sozinho na *oca*, apareceu um estranho guerreiro, vindo de muito longe, a pedir pousada. O velho deu-lhe de comer e beber, mas quando o moço lhe elogiou o cantar da filha, que se banhava na lagoa, ficou com ciúmes. Ao voltar para a *oca*, Jururê pareceu encantada com o desconhecido. Os ciúmes do pai cresceram. O velho já nem dormia mais, de tanto que espreitava os dois. Mas uma noite acabou por cair no sono. Quando despertou assustado, as outras redes estavam vazias. Foi então que ele ouviu o canto de Jururê. Desconfiado, armou-se com a sua borduna e seguiu a música. E lá estava a sua menina e o estranho guerreiro, deitados na duna, em tal *rala-rala* que a rapariga até cantava! O ódio tomou conta de Curimbaba. Devagarinho, achegou-se e, de uma bordunada só, abriu a cabeça do estranho. Jururê fugiu e meteu-se pelas dunas. O velho morreu de tristura. Mas Jururê nunca mais quis sair daqui. Incontáveis luas passadas, ainda hoje ela canta nas dunas, chamando pelo único homem que teve dentro de si.

— Nem ouviu o fim da história — resmungou Caramuru.

CAPÍTULO 14  
ENCRENCA DAS GROSSAS

**N**outro dia, a sesta foi bem diferente. Tomé de Sousa dormiu nos braços de Yuruti e acordou com um tiro de canhão. Ao longe, porém perfeitamente reconhecível. Levantou-se assustado. Conhecia muito bem aquele som para alimentar dúvidas. Só não tinha certeza se era a troada de um *falcão*, o canhão de pequeno calibre, mais comumente usado para a guerra naval; ou o retumbar de um *berço*, a boca de fogo que cuspia balas de ferro de um quilo e meio. Garcia d'Ávila e Caramuru acercaram-se da rede quase ao mesmo tempo.

— Vosmecê ouviu?

— Ouvi, Diogo Álvares — assentiu, ajeitando o cabelo e as vestes. — De onde veio?

— Acho que foi dos lados de Salvador — ajuntou Garcia.

— Que diabo está a acontecer? — inquiriu o fidalgo, na falta do que mais dizer. — Seriam os franceses?

— Penso que não — contrapôs Caramuru. — Deram apenas um tiro.

— E o que seria então? Algum sinal para mim?

— Quem sabe, meu senhor? Pode até ser.

Alguns gentios da aldeia vizinha, que matavam o tempo na vila, aproximaram-se, fazendo questionamentos na sua língua nativa.

— *Tupacinunga! Tupacinunga!...*

— O que estão a dizer? — quis saber o governador. — O quê, ó Diogo Álvares?

— É o nome que se dá ao trovão. Para “céu a roncar”, meu senhor. Querem saber o que fez aquele barulho.

— Homessa! Eu também quero saber. Vamos já para lá. Tu, ó Garcia, arrumas as minhas tralhas — ordenou, e virando-se para Caramuru: — Tu levas-me a São Salvador, não levas, meu amigo?

— A essas horas, capitão, sem as brisas? Não seria nada fácil. Vosmecê não poderia deixar para mais tarde? Para a boquinha da noite?

— Se pudesse ser agora... Estou preocupado. Preciso de saber o que aconteceu. Tu entendes-me, não é, meu amigo?

— Naturalmente, meu senhor — assentiu.

E depois de trocar algumas palavras com uns índios:

— Tudo bem. Dá-se cá um jeito. Mandei-os ir atrás do Gaspar, do Gabriel e do Jorge, e vou levar mais remadores comigo, também.

— Ótimo, Diogo Álvares. Muito agradeço.

Despedidas são desagradáveis. Às carreiras, tendem a tornar-se constrangedoras. Por isso mesmo, se o que estava a acontecer em Salvador inquietava Tomé de Sousa, de momento, outras preocupações se sobrepuñham.

Como agradecer a Dona Paraguaçu, a mais simples, mais discreta e melhor anfitriã que ele jamais conhecera? Como se despedir de Yuruti? Quando poderia prometer voltar a vê-la?

Quando brotam da alma, no mais das vezes, um gesto ou um simples modo de olhar dizem mais que mil palavras. Foi o recurso que a Dom Tomé restou.

Entre a Vila do Pereira e a Ribeira das Naus, a distância era de pouco mais de uma légua. Mas vencer aquela légua, num pesado barinel, à força de remos, demandou bem mais de uma hora. Tempo de sobra para profundas lucubrações.

Se é que a consciência tem duas metades, uma delas insistia em trazer à mente do governador flagrantes dos melhores momentos dos últimos dias. A outra acusava-o de irresponsabilidade, deslealdade, insensatez. Lembrou-se até de uma outra passagem, de *O Velho da Horta*, de Gil Vicente, o seu autor preferido.

*Ó roubado, da vaidade enganado, da vida e da Fazenda!*  
*Ó velho, siso enleado!*

*Quem te meteu, desastrado, em tal contenda?*

Tão logo acostaram o barinel na enseada, Dom Tomé desembarcou apressado, encharcando as botas na água. Descalço, como sempre, Caramuru seguiu-o. Ao passar em frente da ermida de Nossa Senhora da Conceição da Praia, o fidalgo persignou-se mecanicamente e começou a subir a ladeira a passos largos. Ao primeiro operário das obras que encontrou pelo caminho, questionou impositivo:

— Sabes o que foi aquele tiro?

— O do *berço*, governador?

— Sim, naturalmente, homem — impacientou-se. — O tiro de canhão. Sabes o que foi aquilo?

— Foi um gentio, senhor.

— Como assim? Um gentio botou fogo no *berço*? Atirou por acidente?

— Não, meu senhor.

— O quê então? Santos Evos!... Anda, homem! Fala de uma vez.

— Não tenho certeza, Dom Tomé. Mas parece que o senhor ouvidor mandou amarrar um gentio na boca do *berço* e fazer fogo.

— Deus do céu! Pêro Borges fez isso?

— Foi o que ouvi dizer, meu senhor.

— E sabes porquê?

— O que sei... Digo, o que ouvi, meu senhor, foi que o gentio matou um dos nossos.

— Vamos ter encrenca — vaticinou Caramuru. — Encrenca das grossas!